

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA –
UFPB CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JESSY KELLY DA SILVA SANTOS

**IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO E AMBIENTE ESCOLAR ANTIRRACISTA**

João Pessoa – PB

2025

JESSY KELLY DA SILVA SANTOS

**IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO E AMBIENTE ESCOLAR ANTIRRACISTA**

CURSO DE PEDAGOGIA

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
do Centro de Educação da
Universidade Federal da Paraíba
(UFPB), como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia, sob orientação da Profa.
Dra. Nádia Jane de Sousa

João Pessoa – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237i Santos, Jessy Kelly da Silva.

Identidade das crianças negras na educação infantil:
planejamento pedagógico e ambiente escolar antirracista
/ Jessy Kelly da Silva Santos. - João Pessoa, 2025.
59 f. : il.

Orientação: Nádia Jane de Sousa.

Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Identidade racial. 2. Educação infantil. 3.
Crianças negras. 4. Racismo estrutural. I. Sousa, Nádia
Jane de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 323.14(043.2)

JESSY KELLY DA SILVA SANTOS

IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO E AMBIENTE ESCOLAR ANTIRRACISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do
grau de licenciatura em pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba

Aprovado em: 06 de outubro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Presidente

Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Andréa Giordanna Araujo da Silva
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Vivia de Melo Silva
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Este trabalho busca compreender a relação entre o planejamento pedagógico e a organização do ambiente escolar na formação da identidade racial das crianças negras na Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa e documental, foi realizada em uma escola municipal de Cabedelo (PB), a partir da análise de dois planejamentos pedagógicos referentes a quatro turmas, sendo duas Infantil V e duas Infantil VI, da Educação Infantil e de outros materiais, como livros de literatura infantil e brinquedos, com o objetivo de identificar a presença da temática racial no cotidiano escolar. A fundamentação teórica traz o contexto histórico da Educação Infantil no Brasil, a importância do brincar para a formação da identidade, a necessidade da representatividade negra nesse processo e os impactos do racismo estrutural na escola. O estudo dialoga com autoras e autores como Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga e Frantz Fanon, ao discutir o racismo estrutural e suas consequências sociais, inclusive na educação, a representatividade e a legislação educacional (Lei nº 10.639/2003). Os resultados indicam que, embora haja nos planejamentos pedagógicos práticas que buscam a valorização da diversidade no Infantil V, elas não são suficientes, uma vez que a identidade negra ainda é pouco contemplada, aparecendo de forma fragmentada, pontual e restrita. Já no Infantil VI, a diversidade aparece ainda menos, sobretudo vinculada à cultura indígena, evidenciando ausência de referência à identidade negra. Essa ausência e a falta de continuidade evidenciam a necessidade de formações docentes e de ações intencionais para garantir a construção de uma autoestima identitária positiva nas crianças negras.

Palavras-chave: Identidade racial; Educação Infantil; Crianças Negras; Racismo estrutural.

ABSTRACT

This study investigates how the school—through curriculum, teaching materials, and spatial organization—contributes to the formation of a positive racial identity in Early Childhood Education. The research, qualitative and documentary in nature, was carried out in a municipal school in Cabedelo (PB), based on the analysis of two pedagogical planning documents referring to four Early Childhood classes and of other materials, such as children's literature books and toys, with the objective of identifying the presence of the racial theme in everyday school life. The theoretical framework brings the historical context of Early Childhood Education in Brazil, the importance of play for identity formation, the need for Black representativeness in this process, and the impacts of structural racism in the school. The study dialogues with authors such as Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, and Frantz Fanon, who discuss structural racism and its social consequences—including in education—alongside representativeness and educational legislation (Law No. 10.639/2003). The results indicate that, although the pedagogical planning includes practices that seek to value diversity in Infantil V, they are not sufficient, since Black identity is still scarcely contemplated, appearing in a fragmented, punctual, and restricted manner. In Infantil VI, diversity appears even less, chiefly linked to Indigenous culture, evidencing the absence of reference to Black identity. This absence and lack of continuity underscore the need for teacher training and intentional actions to guarantee the construction of positive identity self-esteem among Black children.

Keywords: Racial identity; Early Childhood Education; Planning; Structural racism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO	12
2.1 A Educação Infantil Como Espaço de Formação da Identidade e Reconhecimento Étnico-Racial	14
2.2 Racismo Estrutural e Educação: Reflexões Sobre o Silenciamento e a Invisibilidade	16
2.3 Diretrizes Legais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais	19
3 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TEMA DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS	23
3.1 O Currículo na Educação Infantil e a Valorização da Diversidade Étnico-Racial	23
3.2 Práticas Pedagógicas na Mediação da Identidade Racial	24
3.3 A Representatividade Negra em Materiais Didáticos, Literatura e Brinquedos	25
3.4 O Ambiente Escolar Como Espaço de Acolhimento, Reconhecimento e Pertencimento	27
4 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PLANEJAMENTO DAS PROFESSORAS DA EI: ANÁLISE DA REALIDADE EM CABEDELO (PB)	29
4.1 Caracterização da Escola e do Município de Cabedelo	29
4.2 Observações, Relatos e Documentos Oficiais: Análise dos Dados Coletados	30
4.3 Observações, Relatos e Documentos Oficiais: Análise da Literatura Infantil, Brinquedos e Espaço	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE	55

1 INTRODUÇÃO

A construção da identidade racial na infância é um processo fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, especialmente no que diz respeito à valorização da diversidade, ao reconhecimento de si e do outro, e à promoção de uma educação antirracista. No contexto da Educação Infantil, que abrange uma fase crucial da formação subjetiva e social dos pequenos, torna-se imprescindível refletir sobre as práticas pedagógicas e o ambiente escolar como fatores que podem tanto fortalecer quanto fragilizar a construção positiva da identidade racial deles. Autores como Nilma Lino Gomes (2005) destacam a importância da escola como espaço de resistência e construção de identidades negras, enfatizando que a educação deve estar comprometida com a superação do racismo desde os primeiros anos escolares e estar presente em todas as etapas da escolarização.

Outros estudiosos como Maria Lucia da Silva (2010) e Kabengele Munanga (2004) apontam que o racismo institucional ainda se manifesta nas escolas atualmente, um exemplo claro dessa realidade seria a ausência de representatividade positiva da população negra nos materiais didáticos, nas brincadeiras, nos jogos, nas histórias e nas falas cotidianas dos educadores para com os alunos. Isso pode comprometer o sentimento de pertencimento e autoestima de crianças negras, levando-os a pensamentos equivocados sobre si mesmos, fortalecendo estereótipos e representações negativas dificultando o desenvolvimento de suas culturas e trajetórias identitárias. Com a Constituição Federal (Brasil, 1988) a educação das crianças deixou de ser vista apenas como assistencialismo e passou a ser reconhecida como um direito da criança, devendo contemplar seu desenvolvimento integral.

A Lei nº 11.645/2008, que tornou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996), tornou obrigatório no currículo o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, apontando para a necessidade de valorização da contribuição dos povos africanos e afro-brasileiros na construção do Brasil. Essa Lei substitui e amplia a Lei nº 10.639/2003, que originalmente instituiu o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Sendo assim, é importante analisar como as práticas pedagógicas no ambiente escolar atuam na construção da identidade racial das crianças, para poder garantir uma Educação Infantil comprometida com a equidade racial e com o combate

ao preconceito. A ausência de ações intencionais nesse sentido pode contribuir para a manutenção de desigualdades históricas, enquanto uma abordagem pedagógica sensível e crítica pode ser um caminho potente para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Como mulher negra, a identidade racial sempre foi um tema, querendo ou não, presente na minha vida. Infelizmente em muitos momentos do meu processo escolar me senti excluída, com dificuldades de me encaixar ou de me enxergar em representações como princesas e personagens infantis, que em sua maioria eram brancos e com fenótipos e comportamentos eurocêntricos.

Também me lembro fortemente de ter enfrentado situações de racismo em minha trajetória escolar que me marcou como pessoa, principalmente em razão do volume do meu cabelo. Quando recordo do meu Ensino Fundamental, lembro facilmente o quanto tive contato com diferentes professores, cada um com seu estilo de ensino particular. Alguns tinham abordagens metodológicas mais tradicionais, enquanto outros traziam abordagens mais dinâmicas e inovadoras. Porém, todos eles tinham algo em comum: eu me sentia distante de todos, pois nenhum intervinha diante da exclusão social que eu enfrentava.

Durante os anos que passei por essa exclusão, os professores raramente tomavam medidas para conter, amenizar ou mediar os conflitos e essa postura me feria de uma forma silenciosa por fora e gritante por dentro. A omissão por parte deles evidenciava um problema: a naturalização do Racismo Estrutural – isto é, a manutenção de práticas e estruturas sociais que sistematicamente desfavorecem pessoas negras e reforçam desigualdades raciais (BENTO, 2011) -- e a ausência de preparo docente para lidar com essas situações. A falta de medidas de intervenção por parte dos professores pode ser entendida à luz do modelo tradicional de ensino, que acaba focando exclusivamente nos conteúdos acadêmicos, negligenciando os aspectos emocionais e sociais dos alunos. De acordo com Henri Wallon, o desenvolvimento é um processo integrado, em que emoção, cognição e interação social se influenciam mutuamente. Quando a escola ignora os aspectos emocionais e afetivos dos estudantes, compromete não apenas sua saúde mental, mas também seu desempenho acadêmico e motivação para aprender, como aconteceu comigo na época. No meu caso, as negligências dos professores me geraram um sentimento de

solidão e insegurança, tornando a experiência escolar um desafio maior do que realmente era. A ausência de intervenções por parte da instituição e a indiferença dos profissionais responsáveis impactaram diretamente a formação da minha identidade, dificultando minha socialização por toda minha vida acadêmica e a construção da minha autoestima.

Na busca incansável por me reconhecer durante a adolescência, precisei por conta própria, buscar referências que me inspirassem e me ajudassem a reconhecer e valorizar a minha identidade como mulher (na época menina) negra. Imagino que essa seja uma realidade real de muitas meninas negras, que crescem sem se verem nos espaços que ocupam. A partir desse relato, questiono: qual tem sido o papel da escola nesse processo e como a Educação Infantil pode contribuir para a construção de uma identidade racial positiva e fortalecida desde a infância?

Sem dúvidas, a escola é um dos primeiros espaços de socialização dos indivíduos, trazendo consigo uma grande responsabilidade na formação da autoestima das crianças. O processo de identidade racial inicia-se na infância e o ambiente educacional pode ter forte influência na construção do senso de pertencimento das crianças. Da mesma forma, a ausência da representatividade racial nas práticas pedagógicas pode reforçar a invisibilidade da identidade negra. Atualmente, após alguns poucos estudos, consigo perceber o quanto a escola e os professores poderiam ter contribuído, facilitado ou, pelo menos, tornado o meu processo de formação identitária mais leve, se tivessem em algum momento intervindo.

Agora voltemos nossos olhos para a Educação Infantil, ela é uma etapa fundamental no desenvolvimento das crianças, pois é nesse período que os pequenos começam a construir seus valores e percepções sobre o mundo ao redor. Sendo assim, a inserção da temática deve ser inserida desde essa fase que é imprescindível para a valorização social da diversidade, o combate do preconceito e a construção desde cedo de uma identidade pertencida, consciente e segura por parte das crianças negras.

Sob a perspectiva social, a relevância do tema se evidencia em um contexto histórico de desigualdades raciais profundas, herdadas do racismo estrutural que

ainda marca as instituições brasileiras, incluindo a escola. No ambiente escolar, isso implica reconhecer que muitas crianças negras crescem sem referências positivas sobre sua identidade, o que pode afetar diretamente sua autoestima, desempenho escolar e relações sociais. Olhando pelo ponto de vista pedagógico, a Lei nº 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em todas as etapas da educação básica. A legislação estabelece de forma clara que os profissionais da Educação Infantil devem estar preparados para abarcar em suas práticas pedagógicas abordagens que valorizem a diversidade racial, assegurando que todas as crianças se vejam representadas de forma positiva e respeitosa.

Dessa forma, este estudo se justifica pela necessidade de analisar como os planejamentos pedagógicos e o ambiente escolar contribuem, ou não, para a construção de uma identidade racial positiva entre as crianças. Além disso, o trabalho tem como objetivo geral compreender a relação entre o planejamento pedagógico e a organização do ambiente escolar na formação da identidade racial das crianças negras na Educação Infantil. Para alcançar esse objetivo, busca-se ainda: analisar como as professoras¹ abordam a identidade racial nos planejamentos pedagógicos da Educação Infantil; identificar se há representatividade racial negra nos materiais disponibilizados no espaço escolar, bem como, avaliar de que forma a organização do tempo, do espaço e dos materiais podem favorecer ou limitar a construção da identidade racial das crianças negras. Assim, a pesquisa parte do seguinte problema: como o planejamento pedagógico, a organização do ambiente escolar e os materiais disponibilizados influenciam na construção da identidade racial das crianças negras na Educação Infantil?

Para buscar respostas para esse questionamento, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, com abordagem documental, tendo como objetivo analisar como a identidade racial negra é abordada nos planejamentos pedagógicos da Educação Infantil por meio da leitura e interpretação dos planos de ensino de uma escola. Além disso, também serão apresentados os resultados das visitas de campo para caracterizar a instituição pesquisada; realizar a coleta dos dados necessários e observar os materiais disponíveis que abordem a temática das

¹ Optou-se pelo uso do gênero feminino “professoras” por se tratar de um ambiente escolar majoritariamente composto por mulheres, sem prejuízo de compreensão para outros gêneros.

relações étnico-raciais. Segundo Cellard (2008), a pesquisa documental consiste na análise de documentos que não foram produzidos com a intenção de serem objeto de estudo, mas que, ao serem examinados, podem revelar aspectos importantes sobre determinada realidade social.

A escolha da pesquisa documental justifica-se pela intenção de compreender, a partir de fontes oficiais e institucionais, como a questão racial tem sido tratada no contexto da Educação Infantil, especialmente no que diz respeito à presença ou ausência de elementos que valorizem a diversidade étnico-racial, promovam a representatividade negra e favoreçam a construção de uma identidade racial positiva nas crianças negras. Serão selecionados quatro planos de ensino da Educação Infantil e planejamentos pedagógicos bimestrais utilizados pelas professoras e a equipe pedagógica da instituição, da rede pública.

A seleção dos documentos seguirá uma linha de critérios como: acessibilidade e pertinência, priorizando uma escola comprometida com a luta antirracista. A análise será feita por meio de uma leitura crítica e interpretativa dos documentos, buscando identificar menções explícitas ou implícitas à temática racial, à representatividade negra, ao uso de materiais didáticos e literários voltados à valorização da cultura afro e à aplicação da Lei nº 10.639/2003.

Para a análise dos dados será utilizada a técnica de “análise de conteúdo”, conforme proposta por Bardin (2011), organizando as informações em categorias temáticas que possibilitem compreender como (e se) a identidade racial negra está sendo pensada nos planejamentos pedagógicos. As categorias podem emergir a partir da recorrência de temas como “diversidade”, “história e cultura afro-brasileira”, “prevenção ao racismo” e outros aspectos relacionados à equidade racial.

A pesquisa respeitará os princípios éticos da confidencialidade e do anonimato das instituições e dos profissionais envolvidos, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, quando for o caso de documentos acompanhados de identificação institucional ou pessoal.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

O capítulo II, intitulado Educação Infantil e a Formação da Identidade Racial no Contexto Brasileiro, inicia lembrando a trajetória histórica da Educação Infantil, seus avanços legais e desafios sociais. Esse capítulo também vai tratar sobre a importância do brincar na Educação Infantil, sendo esse brincar necessário para construção de laços sociais afetivos, de solidariedade e principalmente como espaço de formação da identidade.

O capítulo III, Planejamento Pedagógico na Educação Infantil e o Tema das Relações Étnico-Raciais, aborda a presença/ausência da diversidade étnico-racial no currículo e a sua importância como um norteador das práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, bem como o cuidado das professoras em selecionar as práticas desenvolvidas em sala pensando em garantir um sentimento de representatividade por todos; o capítulo também fala sobre a importância da representatividade negra em livros literários e brinquedos, e até mesmo sobre a forma como o ambiente escolar pode atuar como espaço de acolhimento, reconhecimento e pertencimento, construindo nas crianças negras uma identidade racial positiva e encorajadora.

O capítulo IV, Relações Étnico-Raciais no Planejamento das Professoras da Educação Infantil: inicia com uma caracterização da escola e da realidade educacional no município de Cabedelo (PB), logo após, a caracterização de raça/cor das turmas da Educação Infantil é apresentada, no intuito de compreender mais sobre o público atendido pela escola. Nesse capítulo também analisamos o espaço escolar, os livros literários disponibilizados para as crianças e os brinquedos aos quais elas têm acesso, no objetivo de discutir os avanços, desafios e contradições identificados nos planos pedagógicos referentes a temática de identidade racial negra.

Por fim, nas considerações finais, são retomadas as principais reflexões do trabalho, destacando-se as contribuições, os limites e as possibilidades de novas pesquisas sobre o tema.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO BRASILEIRO

Este capítulo apresenta breves incursões sobre as principais contribuições teóricas, metodológicas e conceituais relacionadas à construção da identidade racial na Educação Infantil. A intenção é estabelecer um diálogo entre a teoria e o problema investigado, analisando como diferentes autores e teorias compreendem o papel da escola na formação da identidade racial das crianças e no enfrentamento ao racismo.

Em um primeiro momento, é importante destacar que a Educação Infantil no Brasil é formada pela primeira etapa da Educação Básica atendendo crianças de zero a cinco anos de idade (sendo obrigatório o ingresso na escola a partir dos quatro anos), com o intuito de garantir o direito à educação. Em um viés histórico, a Educação Infantil no Brasil teve como objetivo inicial atender de forma assistencialista os filhos de mulheres trabalhadoras e de famílias pobres. Com o passar dos anos e com a luta dos profissionais da educação, familiares e movimentos em pró da infância saudável ocorreu uma evolução das leis e diretrizes, a função da Educação Infantil passou a abranger muito além dos cuidados físicos das crianças. Com a Constituição Federal de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), a educação passou a ser reconhecida como um direito da criança e um dever do Estado, assumindo assim, o seu papel educacional e devendo envolver também o desenvolvimento de forma integral em seus aspectos afetivo, cognitivo, linguístico, ético e social (BRASIL, 1996). Por outro lado, o Plano Nacional da Educação (PNE, 2014) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), são políticas públicas mais recentes, mas que contribuíram para reafirmar a importância da Educação Infantil e orientar a universalização da pré-escola.

Além dos avanços e aspectos legais, a Educação Infantil hoje deve ser um espaço onde exista humanização e onde o brincar ocupe um lugar de destaque. É nas brincadeiras que são estimuladas habilidades importantes para o desenvolvimento integral das crianças, tais como: linguagem, memória, imaginação, entre outras. É através do brincar, também, que as crianças compreendem aspectos do mundo social e aprendem a interagir e a desenvolver determinados comportamentos. Além disso, o

brincar é um direito da criança. O documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” (CAMPOS & ROSEMBERG, 2009) reforça o direito da criança à brincadeira e a um ambiente educativo, afetivo e que colabore com o seu desenvolvimento integral.

Contudo, é importante destacar que o brincar não pode acontecer de qualquer forma. A professora deve planejar e organizar o espaço, os materiais necessários e o tempo, de forma a favorecer o desenvolvimento da brincadeira.

Entretanto no Brasil, muitas vezes não é essa a realidade, as professoras reconhecem na teoria a importância da brincadeira, mas suas práticas não refletem isso. A brincadeira é vista mais como um momento de descanso do que como uma atividade formadora. O brincar, no sentido que trago aqui, pode ser livre, porém com intencionalidade, com a oferta de condições e materiais que levem a criança a desenvolver e exercitar as habilidades objetivadas. A professora, nesse processo, deve atuar como mediador, refletindo sobre a prática e tornando a experiência mais interessante, prazerosa e lúdica para as crianças.

Como apontam Lima, Akuri e Valiengo (2018), no texto “Brincadeira na Educação Infantil: possibilidade de humanização e direito fundamental da criança”, o brincar é uma atividade fundamental para a formação da subjetividade e para a construção de vínculos afetivos, sendo essencial que o educador compreenda seu papel na mediação dessas experiências.

Em outra perspectiva, o brincar também pode ser um forte aliado na formação de experiências sociais e culturais, como aponta o texto “O Brincar como um Modo de Ser e Estar no Mundo”, de Ângela Borba (2006). O texto traz a importância da brincadeira no universo infantil e como esse brincar é atravessado pelos tempos e lugares, sendo, ao mesmo tempo, vetor de continuidade e transformação. As crianças não apenas reproduzem brincadeiras passadas, mas também as reinventam, criam suas próprias regras e as recriam, expressando uma verdadeira inovação cultural.

Borba (2006) enfatiza que a criança é um ser capaz de ampliar nosso olhar sobre o mundo e destacar novos saberes. Nesse viés, a escola deveria ser um lugar que reconhece as crianças como autoras de cultura e conhecimento, disponibilizando-lhes tempo e espaço para o brincar. É nesse espaço de liberdade que elas encontram seu

próprio modo de comunicar-se, com regras e lógicas simbólicas próprias. Além disso, o brincar é capaz de promover: a construção de laços sociais; valores como amizade, cooperação e solidariedade; participação ativa das mesmas como autoras de regras, ações e significados. Além disso, o brincar contribui também para a formação de sujeitos culturais, éticos e autônomos, permitindo às crianças transgredir regras, inverter papéis, criar outros mundos e se libertar de limitações da realidade.

2.1 A Educação Infantil Como Espaço de Formação da Identidade e Reconhecimento Étnico-Racial

Depois de apresentar a trajetória histórica da Educação Infantil no Brasil e reconhecer a centralidade do brincar no desenvolvimento das crianças, torna-se necessário refletir sobre esse espaço também como um ambiente de formação identitária. É na interação com colegas, professoras, brinquedos, livros e diferentes práticas pedagógicas que a criança começa a construir a percepção de si mesma e do outro, processo no qual o pertencimento étnico-racial ocupa lugar de destaque.

A Educação Infantil, portanto, não deve ser vista apenas como etapa preparatória para o ensino fundamental, mas como um período decisivo para o fortalecimento da autoestima, da valorização da diversidade e do reconhecimento das diferenças. Nesse sentido, a escola tem o papel de promover experiências que favoreçam o respeito às identidades raciais, rompendo com práticas de silenciamento e invisibilidade historicamente presentes no contexto educacional brasileiro.

Para romper com as práticas do silenciamento é necessário que a escola compreenda o que seria a invisibilização da população negra e como se constrói uma identidade racial positiva. A identidade racial é compreendida, neste estudo, como uma construção social que se desenvolve a partir das relações que o sujeito estabelece com o meio em que vive. Segundo Hall (2006), as identidades não são fixas, mas sim processos dinâmicos, em constantes transformações a partir de experiências culturais e sociais. No caso das crianças, a escola representa um dos primeiros espaços de socialização e, portanto, tem um papel determinante na afirmação ou na negação da identidade étnico-racial das crianças.

Na perspectiva de Nilma Lino Gomes (2005), a construção da identidade racial na infância exige que a escola desenvolva um plano pedagógico comprometido com

a valorização da diversidade e com a luta contra o racismo. A autora argumenta que, ao invisibilizar a história e a cultura afro-brasileira, a escola contribui para a negação simbólica da população negra e reforça estereótipos. Por isso, defende uma pedagogia antirracista, ativa desde os primeiros anos da educação básica.

Essa concepção é reforçada por Kabengele Munanga (2004), que denuncia que o mito da democracia racial, narrativa que sugere que o Brasil é um país livre de racismo apesar das profundas desigualdades e discriminações estruturais, encobre o racismo no país. O autor afirma que o racismo brasileiro é estruturante e silencioso, se manifestando inclusive em práticas escolares aparentemente neutras, mas que reforçam privilégios brancos e excluem a experiência negra. Outros autores ainda, como Bento (2002) e Cunha Jr. (2010), discutem o papel da escola como reprodutora de desigualdades raciais ou como espaço potencial de resistência e transformação. Dito isto, enquanto o mito da democracia racial continuar a ser perpetuado, a desigualdade racial também permanecerá. Nesse sentido, a escola precisa primeiramente reconhecer que o caráter estruturante do racismo também se manifesta dentro de suas paredes e tornar como um princípio da instituição o enfrentamento ao racismo e não sua reprodução, almejando a partir de uma abordagem crítica das relações raciais, mostrar que o enfrentamento do racismo na escola não deve ser pontual ou comemorativo, somente em alusão ao 20 de Novembro data em homenagem a Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra, mas contínuo e incorporado ao projeto político-pedagógico da instituição.

Atualmente, temos aliados importantes para a inclusão da temática racial nas práticas pedagógicas, como por exemplo a Lei nº 10.639/2003 e 11.645/08, que altera a LDB, e é um marco legal social importante. Essa lei obriga o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira em todos os níveis e modalidades da educação básica. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) também fazem parte desses aliados, reforçando a importância de tratar essas questões de forma transversal no currículo, especialmente na Educação Infantil, por se tratar de uma etapa sensível da formação identitária das crianças.

Contudo, para que isso seja possível, precisamos de professoras da Educação Infantil capacitadas e que tenham domínio da temática e como aplicá-la por meio das

práticas pedagógicas de forma aprofundada e intencional. Oliveira (2018), em sua dissertação de mestrado, mostra que um dos grandes problemas é que muitas professoras/es da Educação Infantil ainda se sentem despreparados para trabalhar com a temática racial, muitas das vezes por falta de formação inicial e continuada. Isso revela um certo descaso do Estado com o investimento em políticas públicas de formação desses docentes, para que a/o educadora/o se reconheça e esteja de fato apto para atuar como agente transformador na luta contra o racismo na Educação Básica. Infelizmente por conta disso, muitas práticas ainda são marcadas por abordagens superficiais da questão racial, centradas em datas específicas, como a consciência negra. Isso revela o desafio de transformar a legislação em uma prática efetiva.

Dessa forma, a revisão da literatura evidencia que a construção da identidade racial negra na Educação Infantil deve ser pensada a partir de uma perspectiva crítica e emancipadora, que reconheça o racismo como uma questão estrutural e planeje, de forma intencional, práticas pedagógicas que contribuam para o fortalecimento das identidades negras desde a infância.

2.2 Racismo Estrutural e Educação: Reflexões Sobre o Silenciamento e a Invisibilidade

A discussão sobre a identidade racial no Brasil não pode ser separada da compreensão do racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Uma vez que o racismo, mais do que atitudes individuais, constitui um sistema de poder que está enraizado nas instituições, nos discursos, nas práticas sociais, culturais e políticos, gerando um impacto direto na forma como as crianças negras são vistas, tratadas e representadas na escola. Conforme aponta Grada Quilomba (2019, p. 47), o racismo não é um ato isolado, mas um sistema estrutural que organiza o mundo, determinando quem pode falar, pertencer e ser reconhecido. Essa estrutura atravessa as instituições, inclusive a escola reproduzindo desigualdades e silenciamentos.

No contexto educacional, esse processo acontece na medida em que temos o silenciamento de histórias, culturas e saberes afro-brasileiros, assim também como na ausência da representatividade negra nos currículos, materiais didáticos e interações cotidianas. Refletir sobre esse cenário é fundamental para entender como

a escola pode, no lugar de reproduzir desigualdades raciais, buscar atuar como espaço de transformação social.

Para ter uma compreensão mais aprofundada do racismo estrutural no Brasil, precisa-se de um olhar atento para a forma como a miscigenação foi historicamente entendida. Desde o século XIX, intelectuais e cientistas criavam discursos que ora exaltavam a mestiçagem como singularidade nacional, ora a condenavam como sinal de degeneração racial. Tais discursos ambíguos contribuíram para a formação de representações sociais que, muito breve passaram a sustentar práticas de exclusão e projetos sociais de branqueamento da sociedade brasileira. No pensamento social científico da época, figuras como o suíço Louis Agassiz condenavam a mistura racial, defendendo que “o mulato é um tipo de degenerescência” (AGASSIZ, 1868, p. 225). Já o francês Arthur de Gobineau reforçava essa mesma visão ao defender que “a miscigenação inevitavelmente levaria à decadência das sociedades” (GOBINEAU, 1853, p. 47). Essas teorias, acabaram ganhando repercussão no Brasil, país esse que desde cedo foi representado como sendo “um laboratório racial” (SKIDMORE, 1976, p. 32).

Com a reverberação de tal discussão, intelectuais brasileiros também buscaram argumentar sobre essa realidade. Sílvio Romero por exemplo, via na mestiçagem um elemento de originalidade cultural, afirmando que “a formação da nacionalidade não poderia ser pensada sem a fusão das raças” (ROMERO, 1888, p. 89). Entretanto, ainda que considerasse a mestiçagem, Romero reproduzia hierarquias raciais ao acreditar na superioridade europeia, revelando uma contradição, pois ele mantinha um discurso que parecia celebrar a mistura, porém, visava ao branqueamento da população brasileira. O médico João Batista de Lacerda era ainda mais explícito em sua visão, “apostando” que “a população brasileira se tornaria branca em cem anos, pela progressiva absorção do sangue negro e indígena” (LACERDA, 1911, p. 17). Esses pensamentos mostram como o povo negro era visto, como algo a ser mudado e superado, deixando claro que o mito da harmonia racial esteve, na verdade, exclusivamente associado ao apagamento da identidade negra e indígena.

Segundo Schwarcz (1993, p. 18), “o Brasil construiu sua identidade nacional a partir da contradição entre a exaltação da mestiçagem e o desejo de embranquecimento”. A autora mostra como as teorias raciais do século XIX foram

incorporadas na sociedade brasileira e ressignificadas no século XX, onde foi-se introduzindo uma ideia de “democracia racial”, que na prática era usada para mascarar o racismo estrutural. Esse processo resultou em mais tarde, um apagamento e silenciamento da população negra. Esse silenciamento e invisibilidade atingiram todas as esferas sociais, inclusive a escola. Ao longo dos anos, a instituição escolar incorporou narrativas eurocêntricas e concentrou a contribuição das populações negras e indígenas a papéis secundários ou folclóricos. Como afirma Munanga (2005, p. 16), “a ideologia da mestiçagem serviu como máscara do racismo, ao mesmo tempo em que legitimou a exclusão dos negros dos espaços de poder e de produção do saber”. Ou seja, o negro e sua população tinha um espaço restrito, onde deveriam contentar-se, uma vez que a estes não eram dado o direito de ocupar espaços de destaque e poder.

Outro ponto importante é pensar a partir de qual visão era formada a identidade da população negra. Frantz Fanon (2008, p. 26), ao refletir sobre os efeitos psicológicos do racismo, destaca que “o negro só se torna consciente de sua cor diante do olhar do branco”. Essa análise mostra como a educação, ao silenciar identidades negras e reproduzir padrões de superioridade branca, contribui para a interiorização da inferioridade racial e para a alienação dos sujeitos, apagando a identidade negra deles mesmos na medida em que a única óptica boa e desejada é a branca. É nesse contexto que Fanon nos alerta para o fato de que o racismo não é apenas material, mas também simbólico e subjetivo, perpetuando-se nas relações cotidianas, inclusive nas escolas. A invisibilidade no espaço escolar contribui para a exclusão simbólica e para a baixa autoestima de crianças negras. Como afirma Cavalleiro (2001, p. 102), “a escola, ao negar a diversidade, reforça estigmas e contribui para a produção da baixa autoestima de crianças negras”. Nesse sentido, Nilma Gomes (2012, p. 42) acrescenta que “o racismo na escola não é apenas um problema de relações interpessoais, mas um reflexo da estrutura social que organiza a sociedade brasileira”.

Diante do exposto, percebe-se que o racismo estrutural não é apenas uma herança histórica, mas uma realidade que se atualiza diariamente nas práticas escolares e sociais. O silenciamento das identidades negras e a invisibilidade de suas contribuições para a construção do Brasil são mecanismos de manutenção de um sistema que privilegia o olhar eurocêntrico, reproduzindo desigualdades e limitando a

construção da identidade das crianças negras. Frantz Fanon (2008) nos lembra que o processo colonial produziu subjetividades marcadas pela inferiorização, e que “o negro vive em uma constante luta para se tornar reconhecido como humano em uma sociedade que o desumaniza” (FANON, 2008, p. 112). Essa constatação é central para compreender a importância de uma educação antirracista, capaz de desconstruir estigmas e afirmar a diversidade.

Portanto, refletir sobre o racismo estrutural na educação, significa compreender como as representações do passado ainda moldam práticas pedagógicas e currículos no presente. O enfrentamento desse silenciamento exige não apenas a implementação efetiva da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, mas também um compromisso ético dos educadores em valorizar saberes e narrativas negras e indígenas. Não é uma tarefa fácil, mas somente assim será possível romper com a lógica de invisibilidade e construir uma educação que não seja mecanismo de exclusão, mas sim de afirmação da diversidade e da identidade das crianças.

2.3 Diretrizes Legais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais

Felizmente com o passar das décadas e por meio de muita luta, hoje a sociedade brasileira consegue reconhecer a urgência de enfrentar o racismo de frente e encontrar meios de promover a valorização da diversidade. Nos últimos anos, o Brasil passou a contar com importantes marcos legais que hoje são de enorme serventia para orientar as práticas educacionais voltadas para a equidade racial nas instituições. São esses documentos normativos que permitem que as escolas tenham a força e a liberdade de desenvolver ações que reconheçam a história e a cultura afro-brasileira e africana, garantindo às crianças negras o direito ao pertencimento e à afirmação de sua identidade.

A luta do movimento negro brasileiro ao longo do século XX acabou escancarando o mito da democracia racial, sendo necessário a exigência de políticas públicas voltadas ao reconhecimento da contribuição histórica e social dos povos africanos e afro-brasileiros. Nesse contexto, a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), representou um marco histórico. A lei tornou obrigatório o ensino da história e da

cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do país, nos níveis fundamental e médio, como já foi exposto anteriormente.

Pensando isso, Nilma Gomes (2012, p. 45) destaca que “a Lei 10.639/03 é resultado de uma luta histórica do movimento negro, não sendo uma concessão do Estado, mas uma conquista que nasce do enfrentamento ao racismo estrutural”. A afirmação da autora demonstra a importância de entender como a legislação é a consequência de muita luta e revolução social; para chegarmos ao ponto de conquistarmos essa lei, a população negra teve que subsistir, resistir e superar muitos séculos de desvalorização e falta de reconhecimento. A lei não é uma iniciativa espontânea do Estado ou das instituições públicas, mas sim, um fruto de muita luta e resistência. Sendo assim, a publicação da Lei 10.639/03 trouxe e representou um avanço importante na luta contra o racismo na educação brasileira. A lei busca reparar a invisibilidade histórica que a população negra passou durante toda a formação do Brasil, certificando que os currículos das escolas carreguem narrativas plurais e que promovam a valorização da identidade negra desde a Educação Infantil.

Contudo, apesar da conquista, os desafios de implementação são imensos. Munanga (2005, p. 29) afirma, que: “a lei não se efetiva apenas por sua existência no papel, sendo necessário que haja políticas de formação docente, produção de materiais didáticos adequados e vontade política para garantir sua aplicabilidade”. O autor deixa claro em sua opinião que a lei por si só não traz grandes transformações, para além disso, é necessário mudanças reais nas práticas pedagógicas, no “chão” das instituições que é onde tudo acontece. Nesse sentido, a escola tem sido renovada e marcada por avanços pontuais, mas também por resistências. Em muitas das vezes, já que é uma obrigatoriedade, o ensino da história e da cultura afro-brasileira é feito de forma superficial, com foco apenas nas datas comemorativas, como por exemplo o mês de novembro, sem integrar de fato o currículo, que é o real objetivo proposto.

Outro marco que não podemos deixar de destacar são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em 2004. De acordo com as Diretrizes (BRASIL, 2004, p. 14), “a educação deve valorizar a diversidade étnico-racial e combater preconceitos e discriminações que historicamente marginalizaram negros e indígenas”. Ou seja, o documento oferece

orientações mais claras sobre a diversidade para as escolas e todo o sistema de ensino.

Também temos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), a mais nova de todas, homologada em 2017. A BNCC, é um documento que da mesma forma, estabelece direitos de aprendizagem, nele também está incluso sobre a obrigatoriedade do ensino da diversidade o que abarca o respeito às diferenças. A BNCC diz que: Na primeira etapa da Educação Básica, e de acordo com os eixos estruturantes da Educação Infantil (interações e brincadeira), devem ser assegurados seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver. Como bem sabemos, esses seis direitos são os de: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A temática da identidade racial, pode ser pensada no conhecer-se, já que é nessa sexta aprendizagem que podemos inserir o construir uma identidade pessoal, social e cultural a partir das propostas de interações com o ambiente. O documento orienta que, desde a Educação Infantil, as crianças tenham acesso a experiências que possibilitem reconhecer e respeitar identidades diversas, fortalecendo princípios de equidade e cidadania. Assim, a BNCC reforça a responsabilidade da escola em promover práticas pedagógicas que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Contudo, a sua abordagem também tem sido alvo de algumas críticas, como por exemplo, de que suas menções a diversidade são feitas de forma genérica, sem muito aprofundamento. Muito embora no documento seja mencionada a importância da diversidade cultural, bem como, a identidade dos estudantes, questões mais específicas como o enfrentamento ao racismo e as relações-étnicos raciais não são abordadas. A BNCC, traz em seu conteúdo a diversidade de forma ampla: cultura, regional, linguística..., mas não detalha de forma específica sobre a identidade negra. Da mesma forma, não existem orientações precisas de como deve ser trabalhado os conteúdos de História e identidade afro-brasileira dentro das áreas de conhecimento. O documento apenas cita a obrigatoriedade da Lei 10.639/2003 em ensinar História, cultura africana e afro-brasileira, mas não diz como esse ensino deve ocorrer, ou seja, não garante de fato a sua aplicação, deixando em aberto para que as professoras e instituições tratem a temática de forma secundária.

Lilia Schwarcz (1993, p. 45) já havia advertido que a democracia racial brasileira sempre funcionou como um “pacto de silêncio”. Quando analisarmos os documentos legais, podemos perceber que, embora eles demonstrem e representem avanços históricos importantes, correm o risco de permanecer como um marco apenas simbólico caso não sejam acompanhados de políticas públicas efetivas, formação de professores e monitoramento constante.

Sendo assim, os documentos legais devem ser encarados como instrumentos que abrem caminhos para a construção de uma escola antirracista, mas é importante ter em mente que eles sozinhos não garantem sua concretização e transformação. É preciso que as orientações se efetivem em práticas concretas. Como ressalta Fanon (2008, p. 112), “a desalienação do negro é um processo que exige rupturas radicais com o sistema que o inferioriza”. Do mesmo jeito, uma educação antirracista não é possível apenas com a publicação das leis, mas sim, com práticas pedagógicas transformadoras que confrontem o racismo estrutural em todas as suas faces e perpetuações. Nesse sentido, no próximo capítulo trataremos sobre como o currículo e o planejamento pedagógico ocupam um papel central na Educação Infantil, uma vez que são por meio deles que a lei pode ser de fato materializada, existindo dentro das atividades desenvolvidas pelas crianças, dos espaços em que elas ocupam e de suas interações.

3 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O TEMA DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

Este capítulo tem como foco principal discutir como o currículo da Educação Infantil pode promover a valorização da diversidade étnico-racial, bem como destacar quais as práticas pedagógicas que podem favorecer a identidade racial das crianças. Por fim, este capítulo também iremos refletir sobre a representatividade nos materiais pedagógicos, como: literatura infantil e brinquedos, bem como, enfatizar a função do ambiente escolar enquanto um espaço de reconhecimento e pertencimento.

3.1 O Currículo na Educação Infantil e a Valorização da Diversidade Étnico-Racial

O currículo vai exercer um papel importante na valorização da diversidade étnico-racial, uma vez que ele exerce a função de nortear as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Segundo Miguel G. Arroyo (2004), o currículo não deve ser entendido apenas como um conjunto de conteúdos a serem ensinados, mas como uma organização intencional das experiências de aprendizagem, que permite às crianças construir conhecimentos, valores e sua identidade cultural. É por meio do currículo que acontece a organização dos objetivos, das metodologias e das vivências trabalhadas em sala com as crianças, atuando como um documento norteador. Sendo assim, esse currículo precisa garantir experiências que contribuam para o desenvolvimento global da criança, assegurando não apenas seu crescimento científico e intelectual, mas também valorizando sua identidade e cultura.

Olhando o seu impacto para com a relação étnico-racial, o currículo exerce uma função de responsabilidade com a formação crítica das crianças que precisa ser desenvolvida durante a sua formação, a capacidade de valorizar, respeitar e reconhecer as diferentes culturas brasileiras são objetivos a serem alcançados nesse processo. Em se tratando da prática pedagógica, a BNCC tem como um dos seus princípios a diversidade, que não deve ser vista como um tema isolado, mas sim, como um dos princípios de orientação de todo o currículo, sendo vista desde os objetivos de aprendizagem até os campos de experiências, dialogando diretamente com a Lei 10.639/03 na busca de valorizar a pluralidade cultural.

A relação entre a BNCC e a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, é grande. Enquanto a lei estabelece que a educação precisa valorizar a contribuição histórica da população negra combatendo o racismo, a BNCC vem reforçando esses princípios ao determinar que a diversidade seja trabalhada de forma cruzada com às práticas pedagógicas, relembrando a obrigatoriedade de ensinar sobre as histórias afro-brasileiras. Sendo assim, podemos concluir que a BNCC e a Lei 10.639/03 devem atuar de uma forma complementar, enquanto por um lado a lei define o conteúdo obrigatório sobre a cultura afro-brasileira, a BNCC oferece o norte pedagógico para que esse conteúdo venha ser trabalhado de forma intencional, inclusiva e integrada, promovendo a valorização da diversidade como princípio fundamental da educação.

3.2 Práticas Pedagógicas na Mediação da Identidade Racial

A relação da identidade racial com a Educação Infantil dispõe que as práticas pedagógicas sejam além do discurso e se materializem nas vivências cotidianas das crianças. Conforme instrui no documento *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial* (BRASIL, 2012), a organização do espaço, do tempo e dos materiais é uma parte essencial desse processo, devendo garantir representatividade e diversidade cultural, estando incluso, a seleção de brinquedos, bonecas(os) e livros que mostrem positivamente as crianças negras, em diferentes tons de pele e características físicas, bem como na utilização de imagens, literatura infantil e artefatos culturais que valorizem a cultura afro-brasileira. Nesse cenário, o professor se coloca no papel de planejador intencional e mediador, buscando analisar como suas escolhas pedagógicas podem influenciar diretamente na construção de uma identidade racial positiva. Assim, práticas aparentemente simples como oferecer bonecas negras para brincar ou contar histórias com protagonistas negros tornam-se ações importantes para combater o racismo e fortalecer a autoestima das crianças negras a partir do espaço escolar.

Para além da escolha pensada dos materiais pedagógicos, é primordial também que o professor desenvolva estratégias que problematizem estereótipos e faça crescer o entendimento das crianças sobre a diversidade racial. Algumas atividades como: leitura, rodas de conversa e dramatizações podem ser usadas para introduzir o tema das diferenças de forma positiva, objetivando gerar o respeito e valorização da

pluralidade. Por exemplo, quando a literatura infantil apresenta personagens negros em papéis de destaque e protagonismo, colabora para diluir possíveis imagens negativas historicamente construídas ou alguma outra em que a criança possa ter tido acesso, facilitando o reconhecimento positivo da negritude em si mesmo.

Portanto, a prática a ser desenvolvida precisa ser planejada de uma forma que garanta as crianças um sentimento de representatividade e respeito. Para que isso seja possível, é necessário envolver a dimensão material, a organização do espaço, dos recursos didáticos e a dimensão social, onde o docente irá atuar incentivando o convívio respeitoso entre as crianças. Garantindo essa organização escolar, a mediação da identidade racial não ocorrerá apenas nas datas comemorativas ou projetos pontuais, mas se tornará um compromisso contínuo da prática pedagógica, fundamental para a construção de uma infância marcada pelo reconhecimento e valorização das diferenças.

3.3 A Representatividade Negra em Materiais Didáticos, Literatura e Brinquedos

Não é necessária uma análise aprofundada da representatividade negra nos materiais didáticos, nos livros de literatura infantil e brinquedos para concluirmos que, historicamente, a ausência ou a distorção de personagens negros tem muitas das vezes contribuído para a reprodução de estereótipos e para a invisibilidade das crianças negras no ambiente escolar. O documento *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial* (BRASIL, 2012), destaca que a escola deve “selecionar brinquedos, livros, imagens e materiais pedagógicos que expressem a diversidade étnico-racial, evitando reforçar preconceitos”. Obviamente, a ausência de personagens negros em narrativas infantis não pode ser vista apenas como uma omissão, mas precisa ser entendida para além como um mecanismo de exclusão, que acabar por gerar um impacto direto na construção da identidade das crianças. Como elas poderão acreditar que são bonitas, se os bonecos que brincam não carregam nenhuma de suas características? Como podem acreditar que são capazes se os livros em que leem não tem a autoria de pessoas negras ou personagens em que o negro é o protagonista de uma forma boa e positiva? Nilma Lino Gomes afirma que “a literatura infantil negra é um espaço privilegiado para que a criança negra se veja, se reconheça e se valorize positivamente, contrapondo-se às imagens negativas historicamente produzidas sobre ela” (GOMES, 2012, p. 57). Nesse aspecto, é

imprescindível que a escola seja esse local de iniciativa para as crianças, que lhes ofereça representações culturais positivas em que elas possam se reconhecer como belas, capazes e importantes. A escritora Kiusam de Oliveira destaca que “quando uma criança negra abre um livro e encontra uma princesa com o seu cabelo, a sua cor de pele e a sua cultura, ela entende que também é digna de ocupar o lugar de protagonista” (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Ou seja, Kiusam conclui que ao trazer histórias com representação negra em destaque, cria e fortalece o sentimento de pertencimento, assim como, ressignifica o imaginário social, bem como, oferece novas possibilidades de identificação.

No Brasil, alguns autores têm se destacado nessa temática de valorização da identidade racial. Por exemplo: a autora Madu Costa, que é uma mulher negra, Pedagoga, formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-graduada em arte e educação, é narradora de histórias, compositora, cantora, cordelista, poeta, assessora pedagógica e escritora de literatura infantil. Atualmente a Madu tem vinte livros publicados no Brasil e em Moçambique que apresentam enredos e narrativas em que as crianças negras podem se reconhecer. Além disso, editoras como a Mazza Edições, a Pallas e a Pequena Zahar têm aumentado a publicação de obras infantis voltadas para a diversidade étnico-racial; isso é de um grande avanço, uma vez que a alguns anos atrás tínhamos mais dificuldade de encontrarmos livros infantil que abordassem a temática.

Outro aspecto a se cuidar, são os brinquedos disponibilizados para essas crianças, já que eles também desempenham um papel central na construção da identidade. Por exemplo, o ideal é que as crianças tenham acesso a bonecas e bonecos de diferentes tons de pele, traços e cabelos, pois isso possibilitará que as crianças negras se reconheçam, valorizem suas características e se sintam parte do ambiente. Bem como orienta o documento oficial da *Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial*: “oferecer bonecas negras, livros com personagens negras e imagens positivas da população negra é um compromisso pedagógico com a igualdade racial” (BRASIL, 2012, p. 31). Não é apenas a disponibilização de brinquedos representativos e da literatura, mas isso tudo aliado as práticas pedagógicas intencionais, que fortalecerá o sentimento de pertencimento e contribuirá para a construção de uma identidade racial positiva desde a infância. Em conclusão, a representatividade negra em livros, brinquedos e materiais pedagógicos não é

apenas um recurso didático, mas sim, uma prática política e educativa que propõe a igualdade racial e a formação de sujeitos críticos, seguros de sua identidade e orgulhosos de sua ancestralidade.

3.4 O Ambiente Escolar Como Espaço de Acolhimento, Reconhecimento e Pertencimento

O ambiente escolar deve ser reconhecido pelas crianças como um lugar em que recebem acolhimento e valorização, promovendo experiências que reconheçam a diversidade racial presente na sociedade brasileira. E esse espaço não deve se limitar apenas ao aspecto físico, mas precisa envolver também outras dimensões simbólicas, como os valores, as práticas pedagógicas e as relações que se estabelecem no cotidiano da escola.

De acordo com o documento *Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial* do (BRASIL, 2012), os espaços educativos não são neutros: sua organização expressa valores e atitudes que educam, podendo tanto reforçar preconceitos como promover o respeito à diversidade racial. Sendo assim, a escolha dos materiais como livros, brinquedos, imagens e recursos decorativos devem estar diretamente atreladas à valorização da identidade negra e indígena, pois isso contribuirá para que as crianças se reconheçam positivamente e construam um sentimento de pertencimento.

Pensando nisso, é necessário que a instituição se defina como sendo um espaço de convivência democrática, onde as crianças possam se perceber representadas e respeitadas ao entrar e ao sair. Uma escola que assegura que os “artefatos culturais” presentes no cotidiano, como murais, cartazes, bonecas, histórias e músicas, reflitam a pluralidade da sociedade, colhe como frutos o fortalecimento de um currículo que combate estereótipos e preconceitos (MEC, 2012). Além disso, o acolhimento irá sendo concretizado por meio da escuta e do respeito às narrativas infantis, reconhecendo que cada criança carrega consigo vivências, experiências, memórias e referências culturais que devem ser levadas em consideração no espaço educativo. Essas atitudes favorecem a construção de vínculos de pertencimento, já que as crianças passam a perceber a escola como um lugar que as reconhece por completos, como um todo e não apenas um fragmento.

Portanto, podemos chegar à conclusão de que o ambiente escolar, quando é pensado e planejado para ser um espaço que garanta reconhecimento, acolhimento e a sensação de pertencimento, não só garantirá o bem-estar das crianças, mas também será um meio de afirmação ou até de formação da identidade racial, promovendo o seu papel de igualdade.

Sendo assim, ao perceber que o currículo, as práticas, os materiais e o ambiente são eixos fundamentais na construção da identidade racial das crianças, vê-se uma necessidade de entender como essas orientações acontecem no dia a dia escolar. É a partir daí que no próximo capítulo, será apresentada a análise referente a pesquisa realizada em uma Escola Municipal de Cabedelo (PB), buscando identificar de quais maneiras as professoras têm trabalhado sobre as relações étnico-raciais em seus planejamentos.

4 RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PLANEJAMENTO DAS PROFESSORAS DA EI: ANÁLISE DA REALIDADE EM CABEDELO (PB)

Este capítulo irá apresentar a realidade da escola pesquisada situada no Município de Cabedelo (PB), de forma inicial, trazendo um pouco da caracterização da escola e do município em seu contexto social, histórico e educacional, bem como, sua estrutura física, organização e perfil do público atendido. Em um segundo momento, são relatados e discutidos os dados coletados a partir dos planejamentos pedagógicos disponibilizados referentes as turmas do Infantil V e Infantil VI, dos livros presentes no acervo, dos brinquedos e do ambiente escolar.

4.1 Caracterização da Escola e do Município de Cabedelo

Esta pesquisa aconteceu no município de Cabedelo, localizada no litoral norte da Região Metropolitana de João Pessoa, no estado da Paraíba. Com uma área de aproximadamente 29,8 km² e população estimada em cerca de 70 mil habitantes (IBGE, 2022), é um município de grande relevância histórica e cultural, marcado pela presença do Forte de Santa Catarina, construído no século XVI, e do Farol da Pedra Seca, o primeiro farol da costa paraibana. Cabedelo também abriga a Floresta Nacional da Restinga, conhecida como “Mata do Amém”, considerada a primeira floresta nacional em área urbana do Brasil. Sua economia está ligada ao porto, ao turismo e ao comércio, e a educação se destaca como uma das áreas em desenvolvimento, tendo alcançado, em 2023, a maior nota de sua história no IDEB, com 5,7 nos anos iniciais do Ensino Fundamental, resultado que colocou o município em posição de destaque na Região Metropolitana.

Inserida nesse contexto, está uma Escola da Rede Municipal de Cabedelo, localizada no bairro do centro. A instituição de ensino atualmente funciona nos três turnos: manhã com 05 turmas, tarde com 05 turmas e noite com 01 turma multisseriada, oferecendo as modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e EJA, atendendo aproximadamente um número 266 alunos/crianças. A escola também oferece uma proposta de educação integral voltada para o desenvolvimento das atividades esportivas e educativas, através do Programa Federal "Novo Mais Educação". Em seu espaço físico, a escola dispõe de: seis salas de aula; uma

diretoria; uma dispensa; cinco banheiros para alunos; um banheiro para os funcionários; uma cozinha; uma quadra de esporte; uma sala de professores/AEE e uma quadra coberta, buscando oferecer as melhores condições para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. O corpo escolar é formado por uma gestora, um gestor adjunto, um supervisor escolar, um apoio pedagógico, dez professoras, sete cuidadores, três secretários, três auxiliares de serviços gerais, um porteiro, um apoio administrativo e três cozinheiros, totalizando trinta e quatro funcionários.

A escola recebe crianças de diferentes perfis socioeconômicos, refletindo a diversidade da comunidade em que está inserida. Muitas famílias, porém, são movidas pelo comércio local. Nesse sentido, a escola desenvolve projetos que buscam valorizar a cultura local, estimular a leitura e promover práticas inclusivas. Assim como o município de Cabedelo vem avançando em seus indicadores educacionais, a instituição assume papel fundamental na construção do conhecimento, no fortalecimento da identidade cultural e na formação cidadã de seus alunos/crianças, sendo um espaço de aprendizagem e também de convivência comunitária.

4.2 Observações, Relatos e Documentos Oficiais: Análise dos Dados Coletados

Adentrei a escola com o objetivo de analisar os planos pedagógicos das quatro turmas de Educação Infantil, sendo elas: Infantil V/Manhã; Infantil V/Tarde; Infantil VI A/Tarde; e Infantil VI B/Tarde. Busquei por meio dos documentos, compreender de que forma a temática da identidade racial vem sendo trabalhada nessa etapa da vida escolar, considerada crucial para a formação da autonomia e autoestima.

Nesse primeiro momento, considerei indispensável realizar a caracterização das turmas, a fim de entender melhor o público atendido pela instituição, bem como a raça/cor das crianças. A caracterização foi feita por meio das fichas de matrículas dos alunos, muitas delas continham a foto da criança, o que me permitiu comparar o que estava escrito com a realidade.

Tabela 1 – Caracterização das Turmas

Caracterização das Turmas					
	Infantil 5 Manhã	Infantil 5 Tarde	Infantil 6A	Infantil 6B	TOTAL
Meninas					
Negras	0	1	0	1	2
Pardas	3	5	6	6	20
Branças	3	2	3	2	10
Não Informado	2	1	0	0	3
Total de Meninas	8	9	9	9	35
Meninos					
Negros	0	1	0	1	2
Pardos	6	7	1	2	16
Branços	3	2	3	3	11
Não Informado	1	0	0	0	1
Total de Meninos	10	10	4	6	30
Total					
Total Turma	18	19	13	15	65

Fonte: Elaboração da autora

Ao analisar a Tabela 1, observamos que a maioria das crianças são identificadas como pardas, um total de 36 de 65 estudantes, o que representa 56%. As crianças negras somam 4, correspondendo a 6%, enquanto logo após as brancas somam 21, referente a 32%, ou seja, se unirmos as crianças pardas e negras temos a predominância de crianças que pertencem a um grupo historicamente colocado em uma posição de invisibilidade e silenciamento, chegando a muitas delas nem se reconhecerem como negras ou pertencentes a esse grupo social, uma vez que a categoria “pardo” pode atuar como forma de diluição da negritude, como afirmava Munanga (2004). A baixa representatividade de crianças negras é algo a se observar. Dentro de uma realidade de comunidade periférica e em uma escola municipal, era esperado um número mais expressivo dessa população, podendo repercutir na experiência escolar, gerando sentimentos de isolamento e ausência de referências positivas, aspecto ressaltado por Nilma Lino Gomes (2002), uma vez que a escola em seu corpo discente e de gestão é composto predominantemente por pessoas brancas. Ao mesmo tempo, a presença expressiva de crianças brancas é um chamado a necessidade de práticas pedagógicas que enfrentem o racismo estrutural e promovam o reconhecimento e o respeito à diversidade, conforme defende Lélia Gonzalez (1988)

ao criticar a ideologia do branqueamento. O tema racial é para todos, o racismo deve ser um problema social a ser superado, não apenas da população negra, portanto, é imprescindível que as crianças brancas sejam igualmente participantes desse diálogo, tendo em vista que elas devem se unir à população negra em combate ao racismo estrutural e velado. Dessa forma, a simples coleta de dados raciais, como realizado nesta instituição, deve ser acompanhada de uma ação pedagógica intencional e antirracista, fundamentada na Lei 10.639/03, garantindo que a diversidade existente na sala de aula seja compreendida como valor educativo e como parte da construção identitária das crianças.

Também chama a atenção o número de registros com raça/cor não informada nas fichas, especialmente entre as meninas, o que pode ser um indício de uma falta de diálogo e instrução mais direta com as famílias. É um aspecto que merece atenção, pois a omissão ou imprecisão dessas informações dizem muito sobre a dúvida ou não reconhecimento da raça/cor da criança.

O gráfico a seguir tem a finalidade de facilitar a visualização e análise da distribuição racial nas turmas.

COMPOSIÇÃO RACIAL TOTAL DAS TURMAS

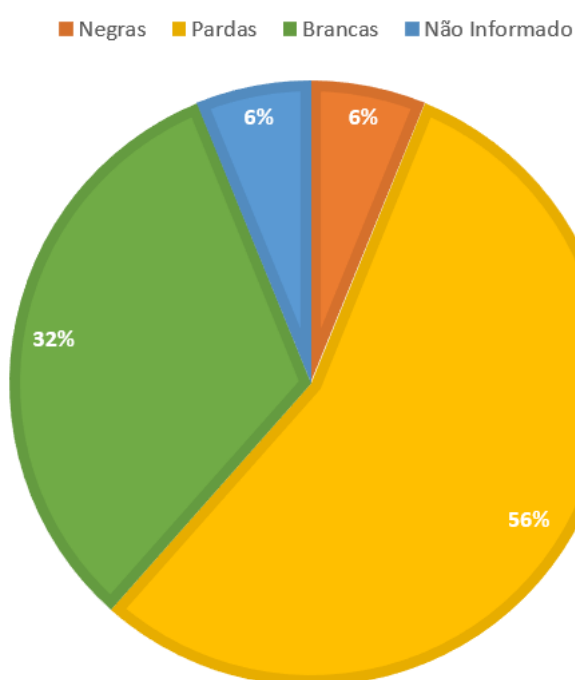


Gráfico 1 – Composição Racial das Turmas

Fonte: Elaboração da autora

Após a leitura dos planos de aula das turmas da Educação Infantil da escola pesquisada, busquei identificar quais momentos efetivamente abordam aspectos relacionados à identidade racial de forma direta por meio de atividades voltadas à valorização das diferenças, reconhecimento das características físicas, ou discussão sobre diversidade e respeito às diferentes culturas. Sendo assim, abaixo estão apresentados todos os planos de aula que abordaram de alguma forma a temática racial durante o primeiro semestre do ano de 2025. Os planos foram feitos pelas professoras e são organizados por bimestre.

Tabela 2 – Atividades com abordagem da identidade racial (Infantil 5 – manhã e infantil 5 - tarde)

11/02/2025	<p>1ª Vivência - Acolhida, com recebimento das crianças.</p> <p>2ª Vivência - Momento livre utilizando a massinha de modelar</p> <p>3ª Vivência - Atividade impressa de confecção da identidade, com digital utilizando tinta guache.</p> <p>4ª Vivência - Utilização de blocos de montagem com rodas de socialização, objetivando desenvolver a coordenação motora, a criatividade, a concentração, e o raciocínio lógico, bem como a capacidade de planejamento.</p>
13/02/2025	<p>1ª Vivência - Acolhida, com recebimento das crianças.</p> <p>2ª Vivência - Apresentação da música: Normal é ser diferente, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oueAfq_XJrg, objetivando a introdução do Projeto Identidade.</p> <p>3ª Vivência - Observação individual no espelho, objetivando o autoconhecimento e a autoimagem, com perguntas de reflexão e observação quanto a cor da pele, olhos, tipo de cabelo, dentre outros estímulos de reflexão,</p> <p>4ª Vivência - Em seguida, atividade impressa utilizando a tinta guache na pintura da silhuete de um corpo, de acordo com a cor de pele que foi vista e identificada no espelho.</p> <p>5ª Vivência - Momento livre utilizando a massinha de modelar, enquanto a atividade acima descrita era realizada de forma individual.</p>
14/02/2025	<p>1ª Vivência - Acolhida, com recebimento das crianças.</p> <p>2ª Vivência - Momento de relaxamento com a música disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n1sWjYYTKYU</p> <p>3ª Vivência - Retomada: Atividade impressa utilizando a tinta guache na pintura da silhuete de um corpo, de acordo com a cor de pele que foi vista e identificada no espelho.</p> <p>4ª Vivência - Momento livre utilizando a massinha de modelar, enquanto a atividade acima descrita era realizada de forma individual.</p> <p>5ª Vivência - Socialização da música: Dança da imitação, disponível em:</p>

	<p>https://www.youtube.com/watch?v=ilkk2hVajZQ, utilizando gestos e movimentos com a coreografia da música.</p>
20/02/2025	<p>1ª Vivência - Acolhida, com recebimento das crianças.</p> <p>2ª Vivência - Apresentação do poema no livro "Quem sou eu?" de Marcela Ramos;</p> <p>3ª Vivência - Estudo da interpretação do texto, de forma oral, a partir de roda de conversa sobre o poema apresentado.</p> <p>4ª Vivência - Atividade impressa de pintura sobre as nossas características, como: cor de pele, cor dos olhos, cabelo dentre outros. Dando destaque a parte do corpo, mostrando que a cor da pele não consiste apenas na cor do rosto, mas sim, do corpo inteiro.</p> <p>5ª Vivência - Utilização de blocos de montagem com rodas de socialização, objetivando desenvolver competências e habilidades em áreas cognitivas, emocionais, sociais e motoras.</p>
21/02/2025	<p>1ª Vivência - Acolhida, com recebimento das crianças.</p> <p>2ª Vivência - Jogo da mimica com a temática: características das crianças da sala, buscando a associação, assimilação da proposta, o esquema corporal e a motricidade ampla. O início deu-se a partir da professora para estímulo dos demais.</p> <p>3ª Vivência - Atividade de recorte e colagem de um quebra cabeça com o desenho que foi pintado na aula anterior. Atividade realizada de forma individual e com o apoio da professora como mediadora do processo.</p> <p>4ª Vivência - Utilização de brinquedos com rodas de socialização, objetivando desenvolver competências e habilidades em áreas cognitivas, emocionais, sociais e motoras.</p>

Fonte dos Planos: Elaboração das Professoras

Ao analisar os planos do Infantil V, observei que de cinquenta e oito aulas, cinco abordaram a identidade racial em algum aspecto; todas essas aulas foram no início do ano letivo, parecendo um projeto de iniciação das professoras. Percebe-se que existe uma intenção pedagógica de valorização da identidade e diversidade das crianças, uma vez que as propostas trouxeram atividades de autoimagem, trabalhos com tintas e massinha para explorar a cor da pele, apresentação de poemas e músicas que abrem o diálogo sobre as diferenças, assim como momentos de socialização para estimular o respeito entre todos. Entretanto, a frequência das aulas é insuficiente, indicando que a temática ainda aparece de forma frágil, pontual,

fragmentada, sem aprofundamento e não transversal como dito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais (DCNERER). Outro aspecto a ser observado é a falta de continuidade, visto que as atividades propostas ficaram todas concentradas no início do ano, sem uma continuação nos meses seguintes. Embora exista a intenção pedagógica de valorizar a diversidade, a ausência de continuidade nas práticas acaba enfraquecendo o processo. Como ressaltam Cruz e Cruz (2016), a construção da identidade da criança exige um trabalho cotidiano e sistemático, em que as propostas pedagógicas estejam inseridas de forma permanente na rotina escolar. Ou seja, é algo pontual que se conquista em um dia, ou três aulas. Outro aspecto é de que, apesar de existir na proposta um objetivo de reconhecimento da diversidade, cor de pele, olhos, cabelo, ainda é possível observar uma superficialidade no tema quando não se encontra uma problematização do racismo ou das desigualdades; algumas propostas também, como atividades de tinta e massinha apesar de serem ótimos recursos introdutórios, podem correr o risco de se tornarem apenas atividades plásticas, se não forem acompanhadas de uma reflexão direcionada pela professora.

Da mesma maneira, também foram analisados os planos de aula do primeiro semestre do Infantil 6. Na tabela a seguir veremos as aulas que de alguma forma tiveram como temática a identidade racial:

Tabela 3 – Atividades com abordagem da identidade racial (Infantil 6)

07/04/2025	<p>1ª Vivência - Acolhida, rotina diária (chamadinha musical).</p> <p>2ª Vivência - Apresentação do vídeo com título: CORES - Aprendendo as Cores dos Alimentos, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kN3TQxMBj10.</p> <p>3ª Vivência - Em seguida, apresentação de imagens impressas de diversos tipos de verduras e frutas para a associação de cores a partir de perguntas oralizadas para associação.</p> <p>4ª Vivência - Atividade impressa, de associação das cores primárias e secundárias com as cores dos alimentos estudados.</p> <p>5ª Vivência - Utilização de alinhavo com formato de frutas e verduras que visa o desenvolvimento da coordenação motora fina, atenção e concentração das crianças.</p>
15/04/2025	<p>Em roda de conversa, realização da chamadinha a partir da observação das fichas dos nomes das crianças, destacando a letra inicial, bem como a escrita do nome completo. Leitura do livro "O Tupi que você fala" para abordar aspectos relacionado a cultura indígena povos Indígenas. No segundo momento da aula, realização de atividade, no caderno, para fixar a aprendizagem.</p>

22/04/2025	Explorar a coordenação motora das crianças realizando movimentos corporais direcionados a partir da música "Estátua diferente". Ainda no primeiro momento, leitura deleite do livro "Quer brincar de pique-esconde?", das autoras Isabella e Angiolina. Em seguida, explanação da história do descobrimento do Brasil, relatando fatos históricos ocorridos na época, bem como o resgate cultural, através de roda de conversa, destacando a presença dos povos indígenas antes da chegada dos portugueses ao Brasil. Reprodução do vídeo "Descobrimento do Brasil - Contada no mundo Kaduzinho", do Youtube e confecção de uma caravela.
------------	---

Fonte dos Planos: Elaboração das Professoras

Ao analisar os planos de aula do Infantil 6 (manhã e tarde) nota-se a ausência do tema racial. Das quarenta e sete aulas registradas no primeiro semestre, apenas três aulas abordam a temática da diversidade, e todas elas estão voltadas exclusivamente para a cultura indígena, atrelada à História do Brasil. Mesmo assim, as propostas ainda aparecem de forma pontuais e vinculadas principalmente a datas comemorativas, como o "Dia dos Povos Indígenas". Apesar de ser importante o reconhecimento e a valorização dos povos originários, chama atenção a ausência completa de propostas que abordem a identidade racial negra.

Esse silenciamento acaba tendo grande influência nas crianças. Para Fanon (2008), a criança negra, que não se vê representada positivamente na escola tende a internalizar sentimentos de inferioridade e negação de si mesma, buscando padrões de branquitude para ser aceita. Quando a escola não traz à tona a história, a cultura e as contribuições da população negra no cotidiano pedagógico, acaba por reforçar a lógica da invisibilidade, negando às crianças negras a possibilidade de reconhecerem sua identidade como fonte de valor e dignidade.

Como destaca Fanon (2008, p. 33), "a criança negra, em contato com o mundo branco, experimenta cedo o peso de uma diferença que lhe é constantemente imposta".

Sendo assim, quando as professoras tratam de diversidade apenas a partir da matriz indígena e em ocasiões específicas em sala de aula, acaba contribuindo para a reprodução desse peso simbólico, já que não oferece às crianças negras a mesma visibilidade e reconhecimento.

Além disso, a ausência da abordagem da identidade negra revela uma compreensão restrita e fragmentada da diversidade, indo na contramão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER), que preveem a valorização tanto da matriz indígena quanto da africana. Como afirma Cruz e Cruz (2016), a construção da identidade ocorre no cotidiano escolar e depende de experiências constantes de valorização. Quando esse processo é interrompido ou direcionado apenas a alguns grupos, gera um silenciamento pedagógico que impacta diretamente na autoestima e no pertencimento das crianças negras.

Portanto, ainda que o Infantil 6 avance ao trabalhar a valorização dos povos indígenas, a ausência de referências à identidade negra não apenas fragiliza o processo educativo, como também reforça desigualdades históricas e simbólicas, conforme alertado por Fanon. Uma prática verdadeiramente antirracista deve articular de maneira contínua a valorização das diferentes matrizes culturais brasileiras, garantindo às crianças negras o direito de se reconhecerem e de afirmarem sua identidade de forma positiva desde a infância.

4.3 Observações, Relatos e Documentos Oficiais: Livros de Literatura Infantil, Brinquedos e Espaços

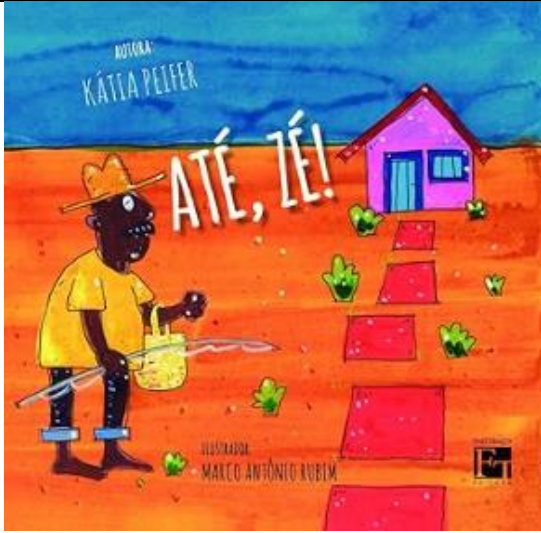
Também foi analisada os livros de literatura infantil disponíveis para as crianças, com o propósito de verificar se os que elas têm acesso retratam a temática racial, se há autores negros, se existem personagens negros e de que forma esses personagens são retratados. O espaço de leitura disponível não se encontra em uma sala reservada, como uma biblioteca, mas sim, em um pequeno cantinho decorado dentro da sala do Infantil V, que pode ser utilizado por toda a escola.


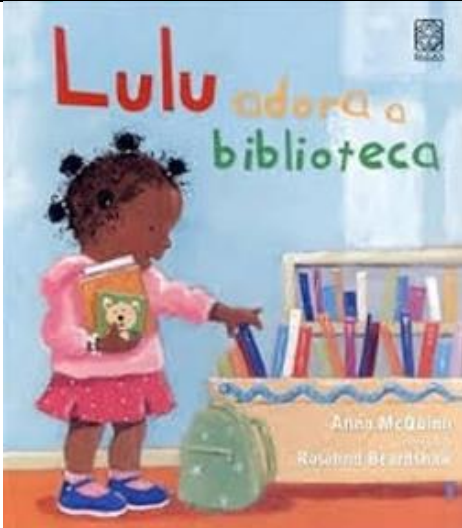
Durante o levantamento do acervo, pude conversar um pouquinho com a professora do turno da manhã do Infantil V, que relatou ter iniciado, por iniciativa própria, a organização desse espaço de leitura e a levar os livros para a sua turma (livros que ela tinha disponível); com o passar do tempo outras professoras também começaram a contribuir. Na semana que realizei a análise, a escola havia recebido uma quantidade significativa de livros da prefeitura, com temas variados e relevantes.

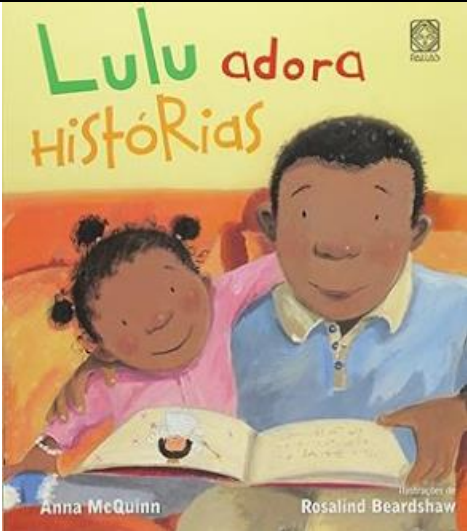
Foram analisados, ao todo, 80 livros (a listagem completa será apresentada no apêndice). Entre eles, 10 chamaram uma atenção especial: três com a temática afro-

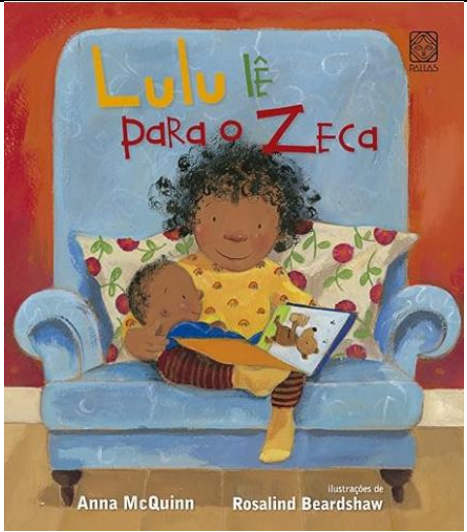
brasileira, sete deles tem protagonistas negros e um abordam à diversidade por meio da representação de crianças com diferentes tons de pele. Como mostra a tabela a seguir:

Tabela 4 – Livros com temática afro-brasileira


Titulo	Autor e Ilustrador	Cor/Raça do Autor	Ano / Editora	Representação dos Personagens Negros	Faixa Etária
Até, Zé!	Kátia Peifer; Marco Antônio Rubim	Autora e Ilustrador Brancos	2014 / Fino Traço Editora	Elenco diverso com personagens negros. Presenças em contexto cotidiano, sem estereótipos.	4–7
		Resumo			
		Trocadilhos e situações engraçadas entre um pescador e o compadre Zé em cenas breves do dia a dia.			
Zuzim Brutim	Maria Emília Palha Faria; Rogério Casagrande	Autora e Ilustrador Brancos	2021 / Francesinha Editora	Protagonista pardo/negro. Cotidiano escolar com emoções e convivência.	4–7
		Resumo			
		Zuzim alterna mau humor e gestos gentis; a história acompanha seu dia na escola e as relações com colegas.			

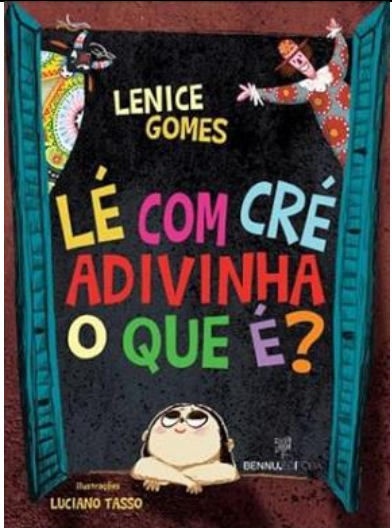
					
Lulu Adora a Biblioteca	Anna McQuinn; Rosalind Beardshaw; trad. Lis Dornelas	Autora e Ilustradora Branças	2012 / Pallas Editora	Protagonista negra. Família negra em rotinas de leitura.	3+
		Resumo			
		Lulu descobre a biblioteca do bairro, escolhe livros e compartilha leituras com a família, celebrando o hábito de ler.			
Lulu adora Histórias	Anna McQuinn; Rosalind Beardshaw; trad. Lis Dornelas	Autora e Ilustradora Branças	2014 / Pallas Editora	Protagonista negra. Imaginação e brincadeiras a partir das leituras.	3+
		Resumo			

	<p>A cada noite, Lulu transforma as histórias em novas brincadeiras e viagens de faz-de-conta.</p>
---	--

Lulu lê para o Zeca	Anna McQuinn; Rosalind Beardshaw; trad. Carla Branco	Autora e Ilustradora Brancas	/Pallas Editora	Protagonista negra. Família negra, leitura entre irmãos.	3+
		<p style="text-align: center;">Resumo</p> <p>Lulu se prepara para a chegada do irmão bebê e usa a leitura como forma de cuidado: lê histórias diferentes para acalmá-lo em cada situação, enquanto mantém suas próprias rotinas de leitura. O livro celebra o vínculo entre irmãos e a força das práticas de leitura em família.</p>			

O Macaquinho que amava a lua	Maria Julia Maltese; Kako Rodrigues	Autora e Ilustrador Brancos	2021 / Editora Mostarda	Referência à cultura africana. Inspiração em conto da Guiné- Bissau; ilustrações com	4–7
------------------------------	--	-----------------------------------	-------------------------------	---	-----

				personagens negros.	
		Resumo			
		Um macaquinho fascinado pela lua encontra, no ritmo do coração e nos tambores, um jeito de se aproximar do sonho.			

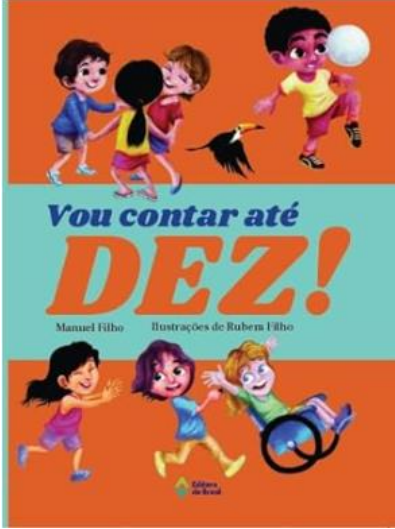
Lé com cré. Adivinha o que é?	Lenice Gomes; Luciano Tasso	Autora e Ilustrador Branco	2021 / Benno Editora	Elenco diverso; referências afro-brasileiras. Personagens e objetos em rimas e adivinhas.	4–8
	Resumo				
	Adivinhas rimadas sobre objetos do cotidiano convidam a brincar com a língua e apresentam traços culturais variados.				

Embolando Palavras	Madu Costa; Rubem Filho	Autora e Ilustrador Negros	2021 / Mazza	Protagonista negra + ancestralidade afro-brasileira.	5–8
--------------------	----------------------------	----------------------------------	-----------------	---	-----

				Neta e avó dialogam sobre origens (iorubá).	
		Resumo			
		Avó e neta cozinham, conversam e conectam palavras a memórias e origens africanas, fortalecendo autoestima e pertencimento			

Meia Curta	Andreza Félix, Santiago Régis	Autora Negra e Ilustrador Branco	2010 / Mazza Edições	Protagonista negra + autoimagem positiva (cabelo/estilo).	4–8
		Resumo			
		Uma bailarina mira o espelho, inventa penteados e aprende a gostar do que vê — com humor e autoestima.			

Vou contar até dez!	Manuel Filho; Rubem Filho	Autor Branco e Ilustrador Negro	2022 / Editora do Brasil	Elenco diverso; multiculturalidade. Crianças de diferentes tons	4–7
----------------------------	---------------------------	---------------------------------	--------------------------	--	-----

				de pele em brincadeiras.	
		Resumo			
		Elenco diverso; multiculturalidade. Crianças de diferentes tons de pele em brincadeiras.			
					

Fonte: Elaboração da autora

Sabemos que a literatura infantil é uma ferramenta poderosa para trabalhar a formação da identidade racial positiva. Nas obras disponíveis na escola, que trata a diversidade com diferentes abordagens, foi encontrado a representatividade racial, a cultura indígena, a inclusão. Abaixo analisarei os livros destacados pela temática racial e inclusão, tenham eles a temática de forma mais explícita ou sutil.

O primeiro livro é o “Até Zé” de Katia Peifer e Marco Rubim. Apesar de ter uma narrativa simples, com momentos do cotidiano, a obra ganha destaque dentro do debate racial por trazer personagens negros como protagonistas. É um aspecto importante que rompe com o habitual da literatura infantil brasileira de centralizar personagens brancos enquanto designa os papéis secundários para os negros.

Essas mesmas características podem ser observadas em outras obras do acervo, como: Zuzim Brutim, de Maria Emília Palha e Rogério Casagrande, e os três livros da Anna McQuinn e Rosalind Beardshaw (Lulu adora à brinquedoteca, Lulu adora histórias e Lulu lê para o Zeca). Em todos eles têm a presença marcante de protagonistas negros, que aparecem no enredo de forma positiva, permitindo que as crianças negras se vejam nas narrativas e que as crianças brancas tenham contato com a diversidade racial.

Outra obra de destaque foi “O macaquinho que amava a lua”, de Maria Júlia Maltese e Kiko Rodrigues. O livro é inspirado em um conto tradicional da Guiné-Bissau. A história é encantadora com lindas representações e apresenta um macaquinho fascinado pela lua que encontra, no ritmo do coração e nos tambores, um jeito de se aproximar de seu sonho. O livro mostra referências diretas à cultura africana, com ilustrações que retratam personagens negros e elementos ligados à musicalidade e oralidade de matriz africana. É um livro que contribui muito para aproximar as crianças da herança cultural africana, valorizando-a de forma lúdica e poética.

Já a obra “Lê com Crê: adivinha o que é?”, de Lenice Gomes e Luciano Tasso, apresenta adivinhas rimadas sobre algumas coisas do cotidiano, convidando as crianças a se divertirem e brincarem com a língua. Além de ser um livro muito lúdico, a obra traz um elenco cheio de diversidade e referências afro-brasileiras, com personagens negros e traços culturais que ampliam a representatividade na literatura infantil. Por meio do humor e da ludicidade, o livro conecta diferentes aspectos da cultura brasileira.

Contudo, vale ressaltar que apesar dos livros trazerem aspectos importantes para a temática racial negra, os seus autores e ilustradores não são negros. Não que um branco não possa escrever sobre ou ilustrar personagens negros e sua cultura, mas o que não podemos deixar passar e refletir é o motivo pelo qual a literatura infantil que retrata pessoas negras ainda tem em sua maioria autores e ilustradores não negros. Isso escancara a necessidade de dar mais espaço e visibilidade para os escritores e ilustradores negros, uma vez que estes terão mais voz ativa e lugar de fala sobre o assunto e não trará apenas a representação visual, mas também suas experiências de vida.

De toda forma, os livros continuam sendo fortes aliados para trabalhar a temática da valorização racial e possibilitar diálogos sobre o respeito, a amizade e diversidade na Educação Infantil.

AUTORIA NEGRA NOS MATERIAIS ANALISADOS

■ Possui pelo menos um dos autores negros ■ Autores Brancos

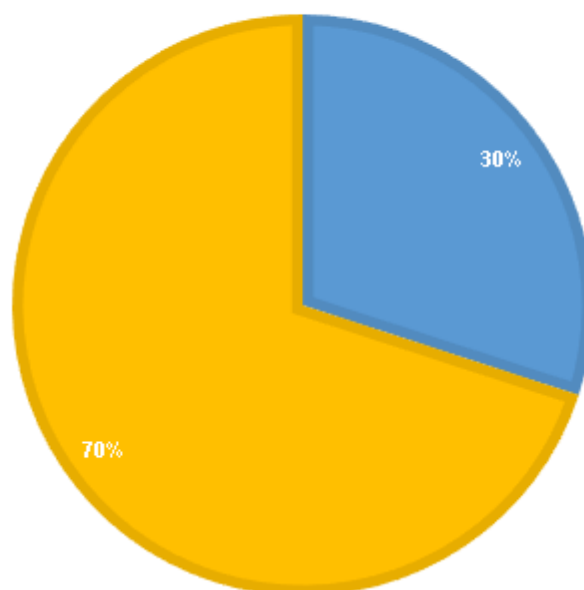


Gráfico 2 – Autoria negra nos materiais analisados

Fonte: Elaboração da autora

Logo após temos as obras “Embolando Palavras”, de Madu Costa e Rubem Filho, e “Meia Curta”, de Andreza Félix e Santiago, duas obras incríveis que se destacam por serem produzidas por autores negros e por trazerem a valorização da identidade racial de maneira linda e potente. No livro “Embolando Palavras” vemos a musicalidade, as rimas e o jogo com as palavras trazidas pela tradição da oralidade afro-brasileira e, de uma forma sutil, convidam às crianças a conhecerem elementos culturais historicamente marginalizados.

Por outro lado, o livro “Meia Curta” traz consigo um enredo do cotidiano, em que sua personagem principal é negra e demonstra uma narrativa afetuosa consigo mesma, de autocuidado e valorização da sua cor e do seu cabelo, demonstrando uma infância negra positiva e natural. Ou seja, tanto o livro “Embolando Palavras” quanto o “Meia Curta”, são obras que podemos considerar como recursos pedagógicos valiosos para a prática educativa antirracista na Educação Infantil, uma vez que contribuem diretamente para o fortalecimento da autoestima das crianças negras

Por fim, temos o livro “Contar até dez”, de Manuel Filho e Rubem Filho, que apresenta uma contribuição relevante ao incluir crianças de diferentes tons de pele em situações de brincadeira, promovendo identificação e senso de pertencimento entre todos. Além disso, a participação de um autor negro na produção da obra estende a mesma diversidade da história, ampliando a representatividade no campo da autoria e permitindo uma abordagem mais autêntica da diversidade racial. Kabengele Munanga (2015), já destacava, a inclusão de personagens negros e a valorização da multiculturalidade contribuem para combater estereótipos e favorecer a construção de um ambiente educativo inclusivo, no qual todas as crianças possam se reconhecer e se sentir valorizadas. E é nesse sentido que o livro “Contar até dez” cumpre um papel importante no acervo da escola.

Diante da análise dos livros presentes na escola, fica evidente o quanto a literatura infantil é um recurso indispensável para promoção da valorização da identidade racial na Educação Infantil. Como bem afirma Munanga, a presença de protagonistas negros permite que as crianças se vejam nas histórias. Para além disso, quando os autores dessas obras também são negros, o livro atende ainda mais os aspectos da valorização racial, pois quebra paradigmas e se conecta com a própria história do leitor.

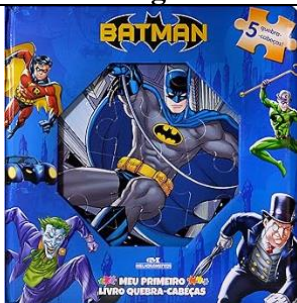

De modo geral, analisando os livros literários a escola oferece obras que contemplam a valorização da cultura afro-brasileira, representatividade racial e a inclusão como um todo. Ainda que muitas das obras sejam autores não negros, elas ainda cumprem o seu papel de ressaltar as diferentes identidades culturais e aproximar o contato das crianças com a temática. Além disso, o fato de as obras em sua maioria não terem autoria negra, revelam uma lacuna muito maior e mais profunda do que a instituição.

Não parando por aí, ainda foram analisados os brinquedos que as crianças têm acesso no ambiente escolar, tanto no parquinho quanto na sala. No espaço externo/parque, as brincadeiras giram em torno principalmente do escorregador, balanço e gangorra, favorecendo a socialização entre as crianças e o desenvolvimento motor, por ser o momento em que eles correm, pulam, sobem e testam seus limites físicos.



Já na sala, no ambiente interno, as crianças têm acesso a alguns brinquedos que estimulam diferentes habilidades, como quebra-cabeças (que estavam junto com os livros), massinha de modelar com pecinhas de molde e blocos de montar. Esses materiais são muito bons, pois contribuem para o desenvolvimento cognitivo, a criatividade, o raciocínio e a coordenação motora fina das crianças.

Na tabela abaixo, estará sendo apresentado os dez quebra-cabeças que foram analisados:

Tabela 5 – Brinquedos

Imagem	Título	Representatividade Negra
	Batman – Meu Primeiro Livro Quebra-cabeças	Não contém
	Blaze and The Montes Machines – Meu Primeiro Livro Quebra-cabeças	Protagonista Negro
	Enrolados - Meu Primeiro Livro Quebra Cabeças	Não contém

	Frozen: Minhas Histórias	Não contém
	Clássicos em Quebra-Cabeças: Os Três Porquinhos	Não contém
	Dinossauros incríveis e suas curiosidades	Não contém
	Dinossauros em Quebra-cabeça	Não contém
	Livro Quebra-cabeça Divertido - Cinderela	Não contém

	Livro Quebra-cabeça Divertido - a Bela Adormecida	Não contém
	Livro Quebra-cabeça Divertido - Branca de Neve	Não contém

Fonte: Elaboração da autora

Contudo, ao procurarmos à representatividade, apenas um dos quebra-cabeças “Blaze and the Monster Machines”, apresenta como personagem principal um negro. Já os demais, como Batman, Frozen, Cinderela, Branca de Neve, Três Porquinhos, Enrolados, A Bela Adormecida e dinossauros, seguem todos aqueles mesmos padrões tradicionais, com personagens em sua maioria, ou até todos, brancos ou neutros. Ou seja, fica evidente a grande necessidade de ampliar a diversidade nos brinquedos, proporcionando às crianças a oportunidade de se verem refletidas. É importante que a escola busque materiais que promovam verdadeiramente essa representatividade e a inclusão.

Por fim, foram analisados os ambientes de sala de aula e o espaço de leitura disponível para as crianças, que fica localizado dentro da sala do Infantil V, em um cantinho com prateleiras para os livros, tapetinho, almofadas e adesivos decorativos. Apesar de se um espaço acolhedor, em que reflete um cuidado e zelo ao mantê-lo organizado, apresenta limitações relevantes quanto à representatividade.

É notório que as salas não têm muitas decorações, mas no cantinho da leitura os adesivos que foram escolhidos e colados não representam a variedade racial da turma. Um menino e uma menina lendo, ambos brancos, assim como o adesivo do projeto de leitura, com ilustração de um castelo, com um príncipe e uma princesa

brancos a frente e mais quatro crianças brancas lendo livros, deitadas em frente ao castelo, ou seja, não tem sequer uma ilustração de um negro. Para Fanon (1986) a ausência de referências positivas da própria cultura e cor nos espaços pode gerar o sentimento de inferioridade. E de fato, como a criança vai se sentir pertencente em um local que parece não a enxergar? A sua cultura e sua cor faz parte de quem ela é, se a escola não enxerga suas raízes e sua história, também não a enxergará.

Apesar da sala contar com recursos como uma televisão para momentos descontração e de relaxamento e fantoches para dramatizações (que também só ilustram personagens brancos) o espaço carece muito de representatividade visual que fortaleça a identidade racial e a sensação de pertencimento de todas as crianças garantindo que não só o ambiente de leitura, mas toda a escola, tenha ilustrações em seus espaços que contemplem a variedade racial de todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender como a identidade racial tem sido trabalhada nas escolas, a partir da análise dos planejamentos pedagógicos das professoras e da organização do ambiente escolar na Educação Infantil. No decorrer do estudo e da pesquisa, foi possível perceber que, apesar dos vários avanços que tivemos nas legislações e políticas públicas no último século, como a Constituição Federal de 1988, a LDB (Lei 9.394/1996) e a Lei 10.639/2003, ainda existe um grande distanciamento entre as orientações normativas e a realidade vivenciada nas escolas.

Primeiramente, ao analisar os planos pedagógicos, foi possível perceber a falta de consistência e continuidade da temática. Ao observar a literatura infantil disponibilizada às crianças, ficou evidente os avanços históricos, ao encontrar obras com autoria negra e livros que tratavam diretamente da identidade racial e da cultura afro-brasileira. Contudo, a representatividade nos espaços escolares evidenciou lacunas gigantescas que precisam ser pensadas e planejadas de uma maneira melhor para atender a diversidade racial.

O que podemos concluir é que ainda em muitos momentos, a representatividade negra esteve ausente ou restrita a iniciativas pontuais, revelando a permanência de práticas que invisibilizam a população negra e fortalece de forma silenciosa o racismo estrutural. Essa constatação corrobora com as reflexões de autores como Munanga (2004), que denuncia o mito da democracia racial, e Nilma Lino Gomes (2005), que defende a urgência de uma pedagogia antirracista desde a infância.

Porém, os resultados também apontam um fio de esperança, apesar de pequenos os avanços, vemos que é possível conquistar a educação racial idealizadas nas leis, se tivermos um planejado de forma consciente e intencional, brinquedos, livros e recursos visuais que tragam referências positivas da população negra, sendo usados na maioria das vivências de forma intersetorial, atreladas a práticas de afirmação identitária com espaço de acolhimento, pertencimento e valorização da diversidade conforme destacam Maria Lúcia da Silva (2010) e Fanon (1986).

Ao concluir este trabalho, volto para a minha justificativa onde reconheço que a escolha desse tema esteve completamente ligada à minha trajetória enquanto mulher negra, que vivenciou na pele a ausência da representatividade, do despreparo institucional e da negligência dos professores frente as questões ligadas a identidade racial no ambiente escolar. Desenvolver essa pesquisa, foi um processo de ressignificação pessoal, um verdadeiro abraço a menina que eu fui e um selo de compromisso com a profissional que pretendo ser. Esse desejo de fazer diferente, me levou a percorrer esse caminho, onde pude compreender de forma mais ampla como promover o fortalecimento da identidade racial das crianças através do planejamento pedagógico. Assim, terei nesse estudo um lembrete dos motivos pelas quais escolhi a educação e da minha responsabilidade enquanto pedagoga de atuar em favor de uma escola inclusiva e antirracista.

REFERÊNCIAS

- AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil: 1865 – 1866*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938.
- ARROYO, Miguel G. *Currículo: uma reflexão sobre a prática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BARDIN. Laurence, *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Pacto narcísico da branquitude no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos*, v. 24, n. 1, p. 15–30, 2002.
- BORBA, Ângela Meyer. *O brincar como um modo de ser e estar no mundo*. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (MEC/SEB). *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: MEC/SEB, 2006. p. 33–45.
- BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a LDB para incluir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC/SEPPPIR, 2004.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Brasília, DF: CNS, 2016.
- BRASIL. *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial*. Brasília: MEC/SECADI, 2012.
- CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.
- CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: mediações necessárias*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do Silêncio Do Lar Ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito E Discriminação Na Educação Infantil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA JUNIOR, Henrique. *Educação e relações raciais: perspectivas para uma prática pedagógica antirracista*. Fortaleza: UFC, 2010.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOBINEAU, Joseph Arthur de. *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

GOMES, Nilma Lino, *Educação, identidade negra e formação de professores: repensando a prática pedagógica*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 5, n. 2, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *Literatura infantil negra*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. *Cabedelo (PB): panorama municipal*. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cabedelo/panorama>. Acesso em: 22 ago. 2025

LACERDA, João Batista de. *Sur le métis au Brésil*. Paris: [s.n.], 1911.

LIMA, Elieuzza Aparecida de; AKURI, Juliana Guimarães Marcelino; VALIENGO, Amanda. *Brincadeira na Educação Infantil: possibilidade de humanização e direito fundamental da criança*. *Zero-a-Seis*, v. 20, n. 38, p. 360 - 374, 2018.

LOPES, Ana. *Práticas pedagógicas antirracistas na Educação Infantil: desafios e possibilidades*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) — UFC, Fortaleza.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2004/2005.

OLIVEIRA, Juliana de Souza. *Educação infantil e relações étnico-raciais: formação docente e práticas pedagógicas*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) — UFPE, Recife.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-Oba: histórias de princesas*. São Paulo: Mazza Edições, 2009.

PINTO, Rafaela Andrade. *Educação das relações étnico-raciais na prática: entre a legislação e a ação pedagógica*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) — UFPR, Curitiba.

QUILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870–1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

APÊNDICE

Materiais literários analisados

Titulo	Autor(es) e Ilustrador(es)	Cor/Raça do(s) Autor(es) e Ilustrador(es)
A aranha	Sandra Batista e Edvaldo André	Autora Branca, Ilustrador Pardo
A Casa do Bode	Mary França e Eliardo França	Branços
A Felicidade das Borboletas	Patrícia Engel Secco e Daniel Kondo	Branços
A Galinha dos Vizinhos e o Alfabeto de Sopinha	Bia Villela	Branca
A Gritadeira	Sandra Aymone e Carol Juste	Branças
A Guerra dos Bichos	Luiz Carlos Albuquerque e Fê	Branços
A Lenda da Vitória-Régia	Susana Ventura e Bernardita Uhart	Branças
A Lenda do Alecrim	Hellenice Ferreira e Aline Haluch	Branças
A menina, o cofrinho e a vovó	Cora Coralina e Cláudia Scatamacchia	Branças
A Minha Avó	Mariana Massarani	Branca
A Semente da verdade	Patrícia Engel Secco e Edu A. Engel	Branços
As asas do crocodilo	Gilles Eduar e Monica Stahel	Branços
As Três Perguntas do Rei	Sandra Aymone	Branca
Até, Zé!	Kátia Peifer e Marco Antônio Rubim	Branços
Beto Brasil Em a Partida dos Vencedores	Sandra Aymone	Branca
Beto Brasil em Adivinha o que É... Folclore	Sandra Aymone	Branca
Cadê a Cocada?	Rosana Rios e Tatiana Paiva	Branças
Cadê?	Sandra Pina	Branca
Canção da tarde no campo	Cecilia Meireles e Ellen Pestili	Branças
Carolina	Lenice Gomes e Eliana Delarissa	Branças
Carona	Guilherme Karsten	Branços
Chegou Alguém Novo	Jill Twiss, EG Keller e Giu Alonso	Branços
Como Reconhecer um Monstro	Gustavo Roldan	Branco
Conte mais uma vez	Weberson Santiago	Branco
Corpo Humano 3d: um Livro Incrível com Aventura em Pop-up	Equipe Pae Editora	Não se aplica
CrocoDali	Lucy Volpin	Branca
De quem é esse Bico?	Renata Moretti e Evandro Angerami	Branços
Dois Piratas Teimosos	Oakley Graham, Kimberley Scott e Cristiane Castro	Branços

Embolando Palavras	Madu Costa	Negra
Este Não é o Presente que Eu Pedi	Aline Abreu	Branca
Gato e Peixa	Joan Grant e Neil Curtis	Branços
Historinhas Amorasas	Elvira Drummond	Branca
José Lins do Rego - Em Quadrinhos	Iranilson Buriti e Megaron Xavier	Autor Branco, Ilustrador Pardo
Lacriminha	Lulu Lima e Betania Zacarias	Branças
Lé com cré. Adivinha o que é?	Luciano Tasso e Lenice Gomes	Branços
Leo e a Baleia	Benji Davies e Marília Garcia	Branços
Leotolda	Olga de Dios e Monica Stahel	Branças
Livro Dedoche - Abração: Abração de Gato	Tulip Books	Não se aplica
Lukas no Hospital	Edson Block e Roberto Zoellner	Branços
Lulu Adora a Biblioteca	Anna McQuinn, Rosalind Beardshaw e Lis Dornelas	Branças
Lulu adora Histórias	Anna McQuinn, Rosalind Beardshaw e Lis Dornelas	Branças
Lulu lê para o Zeca	Anna McQuinn, Rosalind Beardshaw e Lis Dornelas	Branças
Maria Desenhada pela Maria	Carolina Michelinini e Michele Iacocca	Branços
Masha e o Urso: O Conto Russo Original	Guilherme Kroll e Samanta Flôor	Branços
Medo, Medinho ou Medão	Mariana Casasanta	Branca
Meia Curta	Andreza Félix e Santiago Régis	Autora Negra e Autor Branco
Meu Livro Incrível... Dinossauros	Mammoth World	Não se aplica
Mundo Das Palavras - As Cores	Erica Diana	Branca
O Canto do Passarinho	Ana Neila Torquato e Sami Ribeiro	Branços
O Coelho Samuel	Iêda Rocha, Mary Mos	Branças
O Dinossauro e a fita adesiva	Fernando A. Pires	Branco
O Livro da Avó	Luís Silva	Negro
O livro das palavras grandes e dos desenhos pequenos	Alexandre de Castro Gomes e Cris Alhadeff	Branços
O Livro Dos Trava Línguas	António Mota e Elsa Fernandes	Branços
O Macaquinho que amava a lua	Maria Julia Maltese	Branca
O muro no meio do livro	Jon Agee	Branco
O Nascimento de Jesus	Não se Aplica	Não se aplica
O Ninho do Coração	Ana Maria de Andrade	Branca
O tupi que você Fala	Claudio Fragata e Mauricio Negro	Branços
Os Amigos de Jesus	Não se Aplica	Não se Aplica

Os amigos do Marcelo	Ruth Rocha e Alberto Llinares	Branco
Para dar de Presente	Michael Roher e Hedi Gnädinger	Branco
Pega-Pega dos Bichos - No Safári	Tulip Books	Não se aplica
Por quê?	Laura Vaccaro Seeger e Janice Florido	Branco
Pulga Atrás da Orelha	Ana Elisa Ribeiro e Flávio Fargas	Branco
Quando eu Sinto Medo	James Misse e Leonardo Malavazzi	Branco
Rabos, rabichos e rabiolas	Leo Cunha e Alex Lutkus	Branco
Regina e o mágico	Sônia Junqueira	Branco
Roupa de Camaleão	André Vargas e Luiz Silva	Branco
Todas Menos Uma	Éric Battut e Rodrigo Villela	Branco
Turma da Mônica em A Escolha Certa	Mauricio de Sousa	Branco
Turma da Mônica em Todos são importantes	Mauricio de Sousa	Branco
Um por todos, todos por um - O Estatuto da Criança e do adolescente	Mauricio de Sousa	Branco
Uma Tarde no Circo	Elisabete Jacques Urizzi Garcia e Andréa Pereira de Souza	Branco
Usando as mãos: Contando de cinco em cinco	Michael Dahl, Todd Ouren e Ana Mortara	Branco
Você Escovou os Dentes Hoje?	Adalberto Cornavaca	Branco
Você Faz, Eu Faço Também	Marcelo Jucá	Branco
Vou contar até dez!	Manuel Filho e Rubens Filho	Branco
Vovó Viaja e não Sai de Casa	Sylvia Orthof e Bebel Callage	Branco
Zuzim Brutim	Maria Emília Palha Faria e Rogério Casagrande	Branco



Imagem A1 – Estrutura Sala de Aula

FONTE: acervo da autora, 2025



Imagem A2 – Estrutura Sala de Aula

FONTE: acervo da autora, 2025



Imagem A3 – Estrutura Sala de Aula

FONTE: acervo da autora, 2025

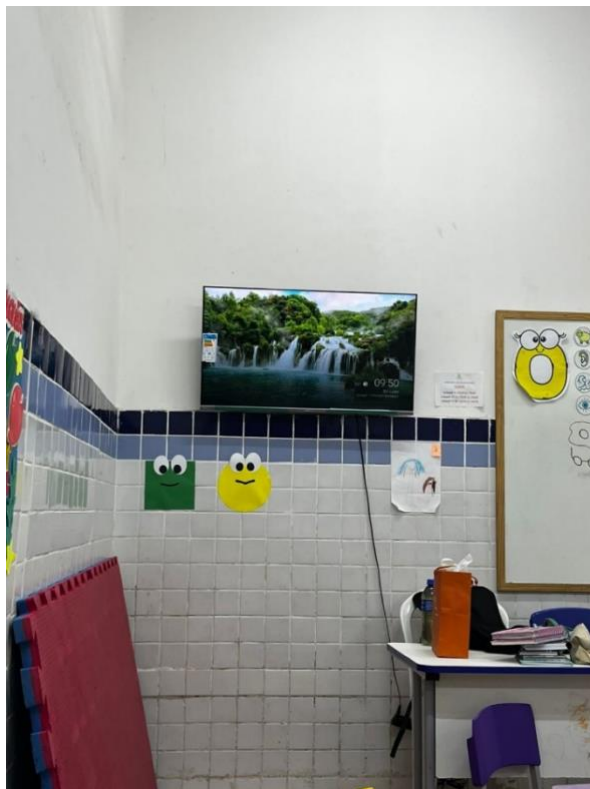


Imagem A4 – Estrutura Sala de Aula

FONTE: acervo da autora, 2025